

AGOSTINHO BÖTH

**EXCESSOS
DAS ALMAS
E DAS COISAS**

— COLEÇÃO —
SONHOS E RESISTÊNCIA

Excessos das almas e das coisas é uma obra de Agostinho Both e representa suas andanças, entre leituras, escritos e observações, sobre as ambivalências humanas. Retira de Cervantes e de Homero alguns apelos, entretanto, os estudos em pedagogia fizeram o autor descobrir a perplexidade que causa olhar a alma e as coisas, não importando o tempo e o espaço. Seus escritos como *Criação da Universidade de Passo Fundo*, *Linha Divisa*, *Para onde vão nossas casas e Contos do Envelhecer*, entre outros, deitaram raízes. Both não ficou imune à efervescência das almas e dos corpos que honraram e desenharam o mapa da região Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul. Definitivamente, os escritos em torno do envelhecimento humano causaram, também, assombros na alma do escritor. Disso tudo e mais um pouco resultaram essas fábulas em torno das coisas e das almas.

A obra que se apresenta ao leitor faz com que seja transportado pelos tempos de

Agostinho Both

Excessos das almas e das coisas



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2014

Agostinho Both

Excessos das almas e das coisas

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.
Do livro: Romance. -Passo Fundo: Ed. IMED, 2009. 175p.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.
O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença
Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 3,0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:
creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para
Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia,
94041, USA.

Revisado pelo autor em: 25/11/2014

B749e Both, Agostinho
Excessos das almas e das coisas [recurso eletrônico]
/ Agostinho Both. -PassoFundo :Projeto Passo Fudo,2014.
1099Kb ; PDF – (Sonhos e resistência).
ISBN 978-85-8326-100-1

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2.Conto brasileiro. I.Título.

CDU: 869.0(81)-34

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

APRESENTAÇÃO

Viver é uma tarefa difícil, em especial porque nesta jornada enfrentamos o desafio de tornarmo-nos mais humanos. Esse é o propósito que se imprime no livro *Excessos das almas e das coisas*: ver de perto a complexa humanidade e seus extremos. Brigamos com feras, trilhamos por penhascos e desfiladeiros, sobrevoamos abismos, arrastamos correntes, apertamos e afrouxamos nós, num debate incessante e árduo, muitas vezes, contra demônios que nos cercam. Alguns ocultos e outros acerca de nós. Todos, cada qual na sua individualidade, buscando acertar, jogamo-nos em viagens imensas e profundas para lugares distantes em busca da sabedoria, da prosperidade e da felicidade e, em outros momentos, mal saímos do lugar. Há dias que, quanto mais andamos, mais confusos, atormentados e inseguros nos tornamos.

- A “suavidade das oliveiras” e a “dureza das pedras”,
- O “pecado” e a “virtude”,
- O “bem” e o “mal”,
- O “certo” e o “errado”,
- A “soberba” e a “humildade”

- “Anjos” e “demônios”, contraditórios, andam por nossos caminhos. Eles, como tantas outras âncoras ou vicissitudes, impedem ou facilitam o CONVIVER. Nessa ânsia de nos encontrarmos, de criar laços e mais laços, eles, muitas vezes, andam lado a lado. Numa batalha sofrida, regada por suor e lágrimas, por erros e acertos, por perdas e ganhos, por realizações e frustrações vamos descobrindo



anjos e nos atrapalhando com os diabos.

Em cada “pequeno-grande” texto deste conjunto de histórias, encontramos uma chave, uma semente, um sinal, uma referência para despertar e termos ideias e sentimentos, presentes na simplicidade dos pequenos gestos, das coisas que nos rodeiam e na essência da alma.

A literatura é uma ferramenta eficaz para acordar nosso coração, muitas vezes, não ouvido, mas para isso ela deve ser especial. Através do hilário, de pequenos contos (atuais ou clássicos), envolvendo fatos do cotidiano, está a sensibilidade capaz de acordar a ternura, a generosidade, a solidariedade, a humildade que nos fará abrir os braços para nós mesmos e para os outros, crescer na dualidade que abrigamos, alcançando a tão almejada “paz interior”, apropriando-nos da sabedoria e enfrentando com suavidade e amorosidade o “mal-estar” que tantas vezes a vida nos apresenta, nas suas diferentes estações, mas que, também, é responsável pelo exercício da compaixão, do perdão e do riso em parceria sobre nossas próprias ilusões, mentiras, desencantos e desacertos. O livro é um convite para brincar e refletir sobre os excessos da vida e ver o quanto podemos admirar e cuidar do que está dentro e fora de nós.

“Era a fala do entardecer.

Desejei a permanência do outono;

Aí vieram anjos soletrar bondades. Os anjos do perdão estavam serenos e aqueles da justiça não apenas concediam a cada um o que é seu, mas buscavam que todos tivessem a dignidade em dia.

Os anjos foram descansar, somente alguns ficaram atentos, porque era sabido de todos, os diabos espreitam e, muitas vezes, aproveitam-se da escuridão para inspirar pecados e assustar a fra-



gildade humana.”

Que tenhamos um de nossos anjos atento, e que, este, não seja nem preguiçoso, nem omisso, mas capaz de dar conta da responsabilidade, da ética e do cuidado sem perder a humildade. Não precisa ser severo em demasia, mas que saiba com serenidade e poder: criar, amar e inspirar. A suavidade deste anjo perpassa por entre as palavras do livro que tenho a humildade de apresentar, mas cuidado, que um pequeno diabo pode fazer estragos.

Dinair Fernandes Pires

Os excessos das almas e das coisas

Ultimamente, tem-se percebido o quanto o pensamento mágico de culturas antigas e modernas atribui aos seres imaginários os bons e maus pensamentos, os bons e maus sentimentos e os eventos felizes e infelizes. Os antigos, antes de avaliar os fenômenos naturais com base em causas naturais, atribuíam aos seres míticos a responsabilidade pela condução do bem e do mal. Não pensavam que os fatos e as coisas tinham suas leis, ainda que mais complexas que a chuva ou o vento, os mares e o sol. Perseguir a felicidade não estava ao alcance de homens e mulheres, pois tal questão era atribuída às instâncias sobrenaturais. A imensidão do pensamento não poderia ter sua explicação apenas na intrincada teia da natureza. A arquitetura e os arranjos das ideias, tão fundos e incomensuráveis, aí postos no cotidiano, não cabiam dentro de uma lógica dada ao alcance da mão. A observação não poderia dar conta de tanta complexidade. Entretanto, até hoje, as ciências, com ares de tudo compreender, ficam devendo explicações à complexidade com que a natureza se desdobra: Qual a vontade que preside a composição da primeira célula? Quem orientou a formação das águas e das terras em suas estruturas conjugadas? Quem governa seu poder singular de modelar a multiplicidade da vida em seu seio? Quem haveria de crer que as virtudes fossem somente fruto dos hábitos e das circunstâncias? Quem fez a terra silenciar e concedeu o tempo e os instrumentos necessários para a fabricação dos solos? Quem poderia acreditar ser a palavra fruto do influxo cultural e da maturação humana? Fica-se a pensar, por isso, de não haver grande equívoco que fossem mágicas as explicações dos eventos em suas causas be-

las ou medonhas. Tamanhas são as imensidões da alma que parece insuficiente atribuir toda explicação às determinações da carne ou da cultura. Os fluídos humanos, com suas bondades e alucinantes perversidades, se estabelecem com tantas ambivalências, parecendo rir das explicações científicas. São tão ternas e agressivas as realidades dentro e fora da alma que fica um pouco difícil esgotar tudo por conta da matéria e das palavras. Mas fiquemos assim sem preocupação de maiores explicações e implicações sobre as grandezas e perversidades. Carreguemos, por alguns momentos, as evidências das contradições de nosso espírito. As reflexões, com ares de infinitude, servirão para avaliar a largura humana e tudo que concorre para formar a natureza em sua plenitude. Nada obsta que olhemos as explicações que transcendem aos dados científicos. Mas o que se quer, sobremaneira, é ver, com maior nitidez, os eventos humanos e suas complexidades, fazendo crer num possível voo bendito ou maldito que quase a tudo sobrevoa.

Nem mesmo um geômetra, com todos os seus instrumentos precisos, será capaz de descrever tudo o que faz a alma movimentar-se. Se é verdade que os sentidos e seus objetos introduzem-se na alma e, como quer Locke, fazem sua impressão parecer um espelho que não pode recusar as imagens, não é menos verdade que o resultado de tais impressões vai muito além dos simples reflexos. Doces ou amargas tornam-se essas impressões, resultando-se imaginárias, enlouquecidas, disformes ou de boa forma. Descrevê-las sem rir, sem brincar, sem detestar é uma prática para um geômetra, mas como a vida vai além, muito além da geometria e de suas medidas, os movimentos da alma podem ser olhados de diversas maneiras. Parecem movimentos dados por obra de seres que ultrapassam a vã filosofia. O que se pretende é apreciar tais movimentos, os quais, por vezes, tornam-se extraordinários e fujões às explicações naturais, e disso não se pode duvidar muito. O que mais se quer é entre-



ver nestas histórias um pouco de alegria e bem-estar, retirando-se algumas delas os extraordinários acontecimentos e saberes de Homero e de Cervantes.

A MALDOSA CIRCE X AMIZADE

A mitologia nos traz histórias de deuses e deusas companheiras. Algumas delas, porém, estão à espreita para acabar com os homens. Odisseu, certa feita, ficou preso por Circe. Fingindo-se generosa, ela perseguia a maldade. As matas frescas e os animais mansos, envolvendo sua fortaleza agradável, disfarçavam a loba que se apresentava nessa bruxa. Curiosos, os companheiros de Odisseu, seguiram-na, entretanto, não estavam atentos aos seus ardis. Circe preparou um mingau juntamente com drogas fulminantes e com poderes de apagar as lembranças da pátria. Ela os tocou com um condão e os prendeu numa pocilga. De porcos tinham a cabeça, a voz, as cerdas e o corpo. Ela lhes oferecia a ração habitual dos porcos. Os demônios escondiam por toda a parte suas más intenções. Atrás das aventuras estava presente o risco de serem devorados. Tudo se torna possível em face das aventuras de uma liberdade de pouca medida. Nesse transe aventureiro pode-se perder quase o couro, porém Odisseu achou demais ter seus amigos transformados em porcos. Urdiu com Hermes uma maneira de tornarem-se, novamente, gentis pessoas, fugindo da situação suína na qual se encontravam. Odisseu renunciou aos encantos de Circe. Seus companheiros valiam muito mais. Os acepipes da mesa lauta e as atrações eróticas de Circe não valiam quanto valiam seus amigos presos no chiqueiro. O palácio de Circe ficou comovido por ver tamanha amizade. Ela própria ficou de boca aberta diante de tanto desvelo. Por causa disso Odisseu conseguiu que seus amigos voltassem à elegância. Abraçaram-se todos, comovidos, em torno do salvador por ter resistido aos diversos apetites em favor da amizade, preferindo a palavra aos grunhidos. Ela mandou a todos embora para não se contaminar. Assim se fez a liberdade maior pelas ataduras da amizade.

E novamente seguiram viagem em seus pequenos navios, retirados das areias onde estavam postos. Se Zeus pudesse falar, diria: a amizade se dá muito bem com a liberdade.



QUISERA

Parece tarefa agradável atravessar o tempo de trabalho austero para um tempo em que a liberdade diz o que fazer. Confesso, porém, que o trânsito entre um tempo e outro requer a determinação e a inteligência de Odisseu.

Andando ele em busca de alimentos com seus companheiros, foi surpreendido por um colosso gigante. A lenda em torno de Odisseu e de seu monstro pode ser uma alegoria deste tempo em que se vai buscar liberdade maior ao atravessar um mar quase em solidão. Ele se viu preso em razão da curiosidade de conhecer tal monstro. Não lhe foi nada interessante essa aventura em nome do conhecer. O colosso era um bárbaro sem fé e sem caridade; fechou Odisseu e sua comitiva na caverna. Comia sistematicamente um após outro, jogando os pobres companheiros contra o solo, amolecendo-lhes as carnes. De nada adiantou Odisseu apontar para os deuses. O monstro, desrespeitosamente, mandou à merda os deuses com toda a turma que invadeira o seu antro. Odisseu urdiu uma saída em seu desespero. Preparou estacas agudas, enquanto o monstro levava seu rebanho ao campo. À noite Odisseu ofereceu um vinho ao terror da caverna. Como prêmio a fera prometeu comê-lo por último. Furaram os olhos do demônio, quando em sono profundo. O monstro cego, porém, examinava com as mãos a saída das ovelhas, protegidas na mesma caverna. Com astúcia deitaram-se debaixo dos animais lanudos e saíram um a um, de fininho, da presença do ser de olhos de sangue. Voltaram para seus pequenos navios, não sem receber pedradas colossais do grande dono da caverna. Mesmo livres da proximidade do monstro, sentiam sua grande ameaça. Mais forte, todavia, era a inteligência livre de Odisseu.



Ao que tudo indica, é frágil a liberdade em qualquer tempo e em qualquer lugar: lições de Odisseu e de seu monstro cego, o Ciclope. Quisera ter a inteligência, a coragem do herói e o poder de seus pequenos navios. Por fim, quando nos apertam as circunstâncias, não tendo ovelhas para nos esconder, que tenhamos outros meios. Só da morte não tem atalho.



PRO MEU MANO FALECIDO ONTEM

Ao se observar os personagens de Homero, nas aventuras de Odisséia, ficamos com fartos desejos de possuir as mesmas proteções. As ameaças são afastadas por forças divinas. Telêmaco, filho de Odisseu, viu-se em maus lençóis, uma vez que cercado dos pretendentes de sua mãe e sem a proteção de seu pai. Uma deusa veio em seu socorro. Como ele, gostaríamos de ter uma deusa Palas Atena, de olhos de coruja, que tudo vê, até na mais tenebrosa noite! Quando estamos quase uns velhos completos bem que merecíamos dos deuses a mesma atenção. Ele, sem saber ao certo como chamar seu pai de volta, nós, sem avaliar com precisão os passos seguintes. Ele, sem ter os instrumentos de orientação para atravessar os mares e nós, sem ter meios suficientes da sociedade para completar a derradeira travessia. Ele foi privilegiado tendo uma deusa devotada em seu socorro, igualando-se, em proteção, ao pai Odisseu, quando, em ilha distante, encontrava-se vítima da linda Calipso. Mais uma vez Homero busca os fartos recursos em favor de seu protegido. O narrador faz magnífica introdução sobre o auxílio que os deuses prestariam: A Aurora ergueu-se do leito de Titono para trazer luz aos imortais e mortais. Os deuses tomaram assento no conselho divino, presidido pelo Zeus dos brados bravios, de penetrante poder. Ele, o Grande Fazendeiro das Nuvens, encaminha solução imediata em favor de Odisseu, bastando para tanto um pedido de Atena. E lá se vai Hermes com a mensagem de libertar Odisseu das amarras que o prendiam a Calipso. Rapidamente, servindo-se de choupos e cedros fragrantes, ele constrói uma jangada forte e, provido de todos os alimentos, lança-se ao mar, vencendo o seu dorso revoltado. Isso é que é proteção! Fantástica é a hora da imaginação, duro, porém, é o destino de quem anda sem grandes auxílios. Que se case com uma

frágil senhora e tenha filhos e cada qual atado em suas fragilidades, e lute que lute para ter uma razoável casa. Nem sequer esta gente que luta terá um reino do rei Alcino para atravessar, no qual gratuitas maçãs e negras uvas são oferecidas na trajetória. Cada um terá de caminhar, provendo seu próprio alforje. Não terá uma nau aparelhada com todo o conforto, muito menos conversas diretas para atravessar a vida. Mas felizes aqueles que, mesmo atravessando com nervosias e pavores, esperam ver com outros uma venturosa luz.

Pois o mano velho, atravessando em canoas cheias de farinha, por muito tempo proveu os seus de alimento e casa. A sua proteção residia nele mesmo! Isso é que é existir, merecendo a vida por conta própria, ainda que fosse buscando na Argentina o provento que sua terra não concedia! É um adeus de um valente. Sílvia que as selvas do outro lado te sejam boas!



Desafios

Num dos momentos em que atravessava os mares bravios, Odisseu sentiu-se desafiado. Em calorosa interlocução surgiram diferentes entendimentos a respeito das formas da alma humana. Euríalo, imprudente e desbocado, enfrentava o visitante Odisseu. As trocas, ora sábias, ora irônicas, andavam de boca em boca. Dizia-lhe o desafiador: Tens porte de atleta, mas de atleta pouco tens. És um pobre marinheiro que apenas sabe movimentar os remos para comerciar. Carga frete e lucro, são estes teus interesses. Em face dessas palavras, Odisseu sentindo-se constrangido, respondeu: Não me agrada este tom, meu rapaz. Falas atrevido. Pelo que vejo, inteligência e cortesia não são qualidades que os deuses concedem indistintamente a todos. Deus algum poderia ter-te construído melhor, mas, no intelecto, deixas muito a desejar. E para provar que também tinha o espírito e a habilidade de um atleta jogou ao longe um dardo. Tão longe que ninguém o igualaria. E confiante mais uma vez em sua deusa, provocou a todos os outros, só porque a deusa havia dito: Está decidido, o campeão és tu. A festa promovida para nosso herói avançou nas horas. Ele, todo ancho e bem tratado, continuou a aproveitar a vida antes de pôr-se ao mar. Mas para confirmar as coisas divinas, a história continua. Um aedo, cantor de primeira, acompanhado de sua lira, entoou uma canção reveladora da fragilidade dos deuses e dos homens: Entre Ares e Afrodite houve um amor irresponsável. Enganaram o Ferreiro, o Coxo, que tinha Afrodite por esposa. Este mui esperto arranjou fios de ferro que se desprenderam do alto do leito deixando os amantes em maus lençóis. Todos, então, puderam presenciar, entre risos, a armadilha do Ferreiro. Vendo tal armadilha Zeus voltou-se para Hermes, o iluminado, interrogando-o: “Que farias se assim fosses preso em tal

armadilha?” A resposta veio imediata: “Caro Apolo, Senhor do tiro certo, se uma coisa dessas acontecesse comigo, os laços poderiam ser ainda mais fortes. Mesmo debaixo dos olhos dos deuses, eu adoraria dormir algemado nos braços de Afrodite”. Terminado o canto, resta a reflexão. Não se pode deixar de se encantar vendo os deuses terem as mesmas limitações e os mesmos pensamentos dos humanos. Assim iam os gregos vivendo, felizes por saberem que tudo que lhes passava na alma também era coisa dos deuses. Se eles, imortais, tinham na alma as coisas humanas, como não poderiam suportá-las os que eram pobres mortais? Nós é que ficamos quase impotentes, diante de um Deus forte e impecável. Nem temos uma deusa que nos chama de campeão.

Os burrinhos de Sancho

Por vezes, a ingenuidade e a simplicidade se excedem em Sancho Pança. Tão bem dispostas se apresentam que ninguém duvida serem de outro mundo. O primeiro caso serve de exemplo da simplicidade e, mais ainda, da ingenuidade. Sancho andava triste por haverem roubado seu asno, mais companheiro que carregador. O grande escudeiro chorava não porque seria ele a carregar, sozinho, os despojos das lutas de seu cavaleiro andante. Chorava porque amava seu burro. Por vê-lo chorar com tal copiosidade, Quixote apiedou-se dele, prometendo dar-lhe três dos cinco burrinhos que havia deixado em sua aldeia. O contentamento de Sancho foi sincero, como sincera afigurava-se a loucura de seu amo. Qualquer coração se comove ao olhar as crenças humanas, uma vez que são tantas as ingenuidades que as acompanham. Quando um muçulmano explode um arsenal de bombas em si mesmo por acreditar em recompensa, tal crença se afigura mais ingênua que o recebimento dos três burrinhos. E se fosse verdadeira a crença de obter mulheres para um só homem, de que adiantariam todas se faltarem



os instrumentos adequados para amá-las? Cadê os braços, a boca e o documento mais essencial? Ingenuidade do pregador que fala ao inveterado criminoso sobre a bondade humana e a decência de um homem carregado de virtudes. Quem não se vê ingênuo na crença de que suas pequenas orações concederão paz ao mundo? Em tudo a imaginação serve de profundo consolo, e, se apenas alguém obedecesse à pura realidade, quem dela poderia alimentar-se com grande consolo? Anda-se, também, confiante na promessa dos burrinhos. A gente se solidariza com velhos e jovens na esperança de levar uma vida boa. Consagra-se à casa momentos de contemplação e, assim, segue-se em frente. Se Deus conceder um burrinho no qual se carregue um pouco mais de felicidade, fica-se muito satisfeito. A floresta é grande e a montanha é alta; urge atravessá-la.

POR ONDE TRANSCENDER?

Lá pelas tantas, entre paradas e andanças, Sancho olha para si e para seu guia errante e diz: não sei se é de se espantar ou de se apaixonar com tudo que foi visto e feito. Tantas coisas absurdas e boas lhe acontecem que não tem certeza se está perdido ou se é certo seu caminho. Torna-se inseguro com as fantasias de Quixote, mas persegue seu destino. Isso leva a duvidar se somos possuídos por coisas celestiais ou infernais. Entre as duas, duvidamos e andamos. Giordano Bruno avaliava que tudo pode ser duvidado, chega a dizer: se duvidamos do que vemos e ouvimos, o quanto podemos duvidar do que não vemos nem ouvimos? O que é de espantar e o que é de apaixonar? É de espantar quem diz: a fé salva e é suficiente; é de apaixonar o que diz Bruno: o que conta é a caridade e a ação. É de apaixonar a boa disposição da razão que pode realizar a verdade, estando entre o espírito que concede a fonte da organização e a imaginação que contém as imagens sem o destino certo. Ainda mais é de apaixonar em Bruno: de pouco adianta pôr-se em afirmação se não passar pelo crivo da discussão daqueles que assentam sua fala em dados da experiência. É de espantar quando se diz que um judeu tem a sorte de ser Deus e salvar os homens; e de salvação pouco se vê. É de apaixonar o mesmo homem, feito bondade errante, em busca de um maior sentido para si e para os seus. É de espantar a ambivalência humana, que se espreme entre a vontade de ser e os apelos cruéis. É de apaixonar encontrar-se a excelência moral entre essas forças. É de espantar a visão de um Deus feito somente para os homens, porquanto homem feito. Quem há de salvar os outros mundos? Salve, Bruno! Salve sua crença angelical que atravessa os astros.



OS ANJOS DAS VIRTUDES

Assim com prudência, com sagacidade, com diligência e com temor que inspira, levou(Sancho) sobre seus fortes ombros, à execução devida, o peso deste grande mecanismo (que é governar uma nação)... Todas essas virtudes estavam como necessárias para um tempo difícil de governar a Espanha, quando o corpo daquela Nação estava contaminado e apodrecido. Do mesmo jeito sentia Sancho as dificuldades de ser um governador honesto. Vê-se, por essas considerações de Cervantes, o quanto se deve fazer para superar as fraudes e as raízes das corrupções escondidas nas entranhas de uma pátria. Isso tudo deve ser levado para dentro do indivíduo(prudência, sagacidade, e diligência), pois que os costumes que governam a história e os governos deixam todos em tentação. O diabo assiste a tudo, atento e cuidadoso em sua destruição. De modo particular faz-se necessário o anjo da prudência, o qual avalia tudo com precaução. Em qualquer espaço cada um é artífice de sua ventura. É o que pensa o próprio Quixote em relação ao cavaleiro da Branca Lua, personagem que o tirou de suas andanças e loucuras. Assim, pendurou as armas numa árvore por um ano e o Rocinante não lutou mais em cruéis e desafortunados combates. Confessara ser ele mesmo, Quixote, o responsável por sua desventura, pois não andara com a prudência necessária e, assim, foram ao chão suas pretensões. Deveria ter pensado que meu Rocinante não poderia resistir ao poderoso porte do cavalo de Branca Lua.

Não resisto à moral, diminuindo a expressão do texto: preciso é que se tenha consistência nos propósitos; não se recomenda que se fique frágil, que os gaviões sempre andam cercando os borregos. Todos: uma pátria, uma história, um indivíduo sem substancial ar-



ranjo ficam à mercê de intempéries, fazendo rir quem estiver mais forte e mais acima. Dessa maneira, se não houver os anjos de múltipla ação e atenção, caem os cavalos, caem as nações e caem os indivíduos, ficando tudo contaminado e apodrecido. A morte costuma espreitar lá onde qualquer fragilidade desponta. Assim falou um anjo antigo na voz de Cervantes em 1614.



A CASA DE SANCHO

Um burrinho, uma vaca, três pastores e alguns anjos no céu comovem a qualquer vivente. Ilustram perfeitamente uma família: uma casinha, um berço, um homem e uma mulher. Comovem a solidão do campo e a certeza da proximidade dos vizinhos. Dominados pelo poder dos Césares, aí, então, agarram-se à fragilidade de si mesmos. E, nesta extrema incerteza de pouco saber sobre seus destinos, aventura-se o sonho humano. Sonha o menino com a proteção de uma casa. Ergue-se entre as palhas para anunciar e fazer sua aventura de melhorar a criatura humana e sua condição. Aí nada se oculta, das roupas sujas às mamadas. Tudo se expõe sem a menor vergonha. Ninguém se abstém dos outros. Aí cada um pode dizer de sua delícia e de sua dor. Ela é comungada com o pão e o feijão. Tudo se revela intacto: a angústia de não saber e de não ser.

Todos sabem o que habita em todos. Mas cadê o anjo nesse exame caseiro? Maria, Sara, Isabel, todas elas receberam no recôndito de suas casas as notícias de seus particulares milagres. Aquele afeto de intimidades pode ser visto como dotado de virtude angelical. Único lugar de proteção; se não aí, onde se pode pensar em bondades? De modo especial quando as pessoas são simples como uma grama, ao contrário daquelas senhoras que se incomodam até quando o vento as toca. Aí a casa toma sua verdadeira proporção. Emerge a bondade como uma fonte. E quando dela nos distanciamos, bate uma saudade. Se não pudéssemos voltar, perderíamos o paraíso. Fica-se como Sancho com saudades de sua mulher Tereza Sancho, de sua filha Sanchita e da casinha miserável.

O EX-GOVERNADOR SANCHO

Ele, com um pouco mais de sete dias, cansou de ser governador; seus pés fartaram-se dos sapatos finos e seu corpo, dos lençóis de linho. Voltou para sua aldeia, não sem antes dizer o poema da simplicidade. Falou de cima de seu burrinho:

“Abri caminho, senhores meus, e deixai-me voltar à minha antiga liberdade. Não nasci para ser governador, nem para defender ilhas ou cidades contra inimigos que as queiram assaltar. Melhor entendo eu de arar e cavar, podar e plantar as vinhas que de fazer leis ou defender províncias. Bem está cada qual usando o ofício para que foi nascido. Melhor me fica uma foice na mão que um cetro de imperador. Antes quero fartar-me de sopa rala que ficar sujeito à mesquinhez de um médico impertinente, que me mata de fome. Prefiro recostar-me à sombra de um carvalho no verão e enroupar-me no inverno com pele de cordeiro em minha liberdade, a ter a sujeição de um governo. Voltemos andar pelo solo, de pés firmes. Se não os adornarem sapatos enfeitados, não lhes faltarão alpercatas toscas de corda”.

E lá se foi Sancho, farto de ser governador, encantado com seu poético discurso. Na mesma santa inspiração de Sancho encontram-se, tantas e tantas vezes, os cientistas, os banqueiros, os sábios, os governantes, os pobres e os artistas, mas estes não têm a coragem de Sancho pra voltar ao seu lugar. Foi embora com seu burrinho depois de um governo de dez dias de grande sabedoria. Cansou-se no instante em que sua inspiração preferiu um campo aberto à tirania de defender e de acertar sob as críticas de milhares de olhos. Sua simplicidade sofria entre os arrotos das grandezas alheias e as ten-

tações do poder. Viram, porém, seus administradores que andava certo em sua decisão. Sentiam perder um homem bom e um governador honesto, coisa rara desde aquele tempo. Abraçaram-no todos a ele, chorando a todos abraçou, deixando-os admirados. Tanto por suas razões como por sua determinação tão resoluta e discreta. Preferiu retornar e ouvir as queixas de sua mulher Tereza e a decepção da filha Sanchita, que, como todas as mulheres, sonham em um dia morar num castelo. O poder, porém, era-lhe pesado demais.



VEREIS COMO SE FAZ UM SER HUMANO

Foi desse jeito que falaram os profetas do altíssimo. Andavam pressurosos, de um lado para o outro, afirmando verdades com voz de tenor para formar uma opinião certa a respeito da salvação das almas. Naqueles tempos entendiam sobre o que tinham de melhor. Foram ardorosos, tanto para impor a si mesmos uma boa conduta, como para refrear os sentimentos pouco recomendáveis de seu povo. Acompanhavam-lhes instrumentos: os trompetes e os pistões, a fim de cada lição ser bem firmada nos corações dos ouvintes. Tinham eles autoridade, considerando que possuíam reputação porque cumpriam, palavra por palavra, tudo o que falavam. Um deles era o próprio exemplo da maturidade humana. Afinal, dizia o mais conspícuo e harmonioso deles, o que importa não são as miçangas que conseguimos reunir, mas a estética de nossas virtudes que nos tornam melhores. Pode-se provar da bondade com sorrisos bons diante do ódio. A casa que se tem é a casa da maior fidelidade. Sabe-se que é pouco o que se faz, mas é bom alertar sobre o melhor de nosso bem-estar: de pouco adianta ficar de boca seca de tanto falar, de pouco adiantam nossos exemplos e nossas histórias para manter honrada a nossa nação. É o movimento de nossos braços, é nossa atividade, feita na direção da caridade, da sabedoria, ou da beleza, que nos torna bons e contentes. Mesmo que nos assale a dor do abandono, ainda assim poderemos sorrir para o último ser que nos acompanha. Naquela noite o profeta, em sonhos, recebeu o anjo das principais virtudes, que o agraciou com um suave adejar de asas, a ponto de sentir boa sua imortalidade. O anjo ainda desejou-lhe a maior prosperidade, explicando a imortalidade como herança conferida de uns aos outros. Uma vez multiplicada, se perpetua até o momento de não haver mais ninguém a conferir qualquer coisa. A



questão, em Borges, então, se dá em dar e receber. Se assim não for, aí se esgota a imortalidade.

UM DIABO INCONVENIENTE

Um pobre trabalhador da roça soube que seriam cumpridas promessas de uma farta colheita de um razoável valor. Como não se cumpriam as ditas promessas solicitou-as novamente, e, estas, mais uma vez não foram atendidas. Ao crer e esperar em vão, ficou com a frustração a machucar-lhe o peito. Da forma como os pastores esperam a proteção dos caçadores e nada provém de suas expectativas, ficou o agricultor, que esperava muito da boa promessa. Sentiu-se ameaçado, como ameaçados ficaram os pastores de uma história de minha infância. Uivavam os lobos. O tremor perpassava os pastores e as ovelhas. O cãozinho madrugador não fora suficiente para proteger a lã e as carnes, pois foram desleixados os caçadores. A angústia atingiu até a espinha dos que vigiavam na colina. Assim, pode-se crer, deveras, que existam demônios irreverentes a espancar promessas. Nem sempre Deus põe seu filho a operar seus milagres. A experiência de esperar é lastimável quando a promessa não se cumpre sobre a expectativa, maiores são o pesadelo e a dor. É como se, em grande viagem com denso destino, o carro se perdesse em acidente. Por certo chorarão de dor os passageiros pela perda do carro e pelo objetivo frustrado, senão ocorrer o pior. O mesmo sentimento perpassa quem alimenta a promessa em cujo seio está inscrita a esperança de um trabalho pelo qual muitos andariam melhor. Olha-se para a autoridade responsável pelo desalento com o respeito que é devido a todo ser humano, mas, à noite, o sono bom foge, deixando ainda mais ameaçado o buscador da esperança. Então, mais uma vez, os outros se constituem no inferno, expresso nesse iníquo demônio da desconsideração do sonho alheio.



A DIVISÃO DAS ALMAS

Conta-se o caso de um coveiro com preparação multi-profissional: era, também, o guarda do cemitério. Cansado de tanto fazer cova, dormiu. Já madrugada, acordou-se sob as estrelas do céu, ouvindo duas vozes, uma suave, outra austera e rouquenha. Uma dizia esta é minha, a outra repetia e esta é minha. Quando o medo se associa à fantasia só Deus sabe o que se passa na alma humana. O guarda era destemido, mas todos têm seu momento de fraqueza. Começou a temer e a tremer. Aguçou mais seu ouvido, e as escolhas continuavam. De imediato, fomentado por medo, julgou que eram um anjo e um diabo, fazendo a partilha das almas daquele lugar. Mais tremia. Quando a voz austera disse: aquela que está viva me pertence, o guarda saltou incontinentemente, gritando: que fiquem com as almas dos falecidos, mas a minha ainda não. Os ladrões, que dividiam as peças do roubo e de uma pobre galinha ainda viva, colhida no porão de um vizinho, fugiram assustados. Essa introdução serve para uma reflexão de como a alma humana divide-se constantemente. Ora, parece que os anjos a possuem, ora os diabos. Momentos existem em que um casal vibra apaixonado e, a seguir, se desentende gravemente. Ora a mulher diz ao seu marido: sua figura carrega uma ternura funda. Logo a seguir, por não retribuir com força viril ao seu desejo constante, atira pedras a quem o membro silencia. O sacerdote e o pastor anunciam a ressurreição, mas, após o sermão, sentem um vazio indizível e choram a solidão sob suas vestes brancas. E, por vezes, são tão fortes e diferentes as impressões que, com um pouco de fantasia, pode-se julgar que se dividem os anjos e os demônios em torno da mesma alma. A diferença entre o caso dito e os sentimentos contrários da alma está em que bastou o guarda levantar-se sobre as tumbas que já fugiram os ladrões; os

sentimentos, porém, resistem e, por mais que se diga aos diabos que fiquem com as almas dos falecidos, continuam soberanos, e não fogem ao primeiro grito dos viventes.



SANCHO NUMA COVA

Sancho, depois da governança em que estivera metido, estava à procura de seu amo. Aconteceu de a noite o surpreender. Em face da escuridão, foi dar numa funda cova. Tateou com as mãos as paredes da cova a ver se lhe seria possível sair dela sem ajuda alheia. Achou-as, porém, lisas e sem lugar algum por onde agarrar-se. Isso muito o angustiou, especialmente quando ouviu o ruço, seu amável burro, queixar-se terna e doloridamente. Assentando-se ao chão começou a refletir sobre a difícil tarefa humana de viver. Quantos não pensados acontecimentos soem ocorrer a cada passo, aos que vivem neste mísero mundo! Quem diria que aquele que ontem se viu entronizado governador de uma ilha, dando ordem a seus serventes e vassalos, hoje se havia de ver sepultado numa cova, sem pessoa alguma que o socorra. Aqui haveremos de perecer de fome eu e meu jumento, se antes não morrermos, ele de moído e quebrantado, eu de pesaroso. Seu jumento o escutava sem responder-lhe palavra alguma; tais eram o aperto e a angústia em que o pobre se encontrava. Todavia existe consolo nos gestos solidários, mesmo que o demônio das vicissitudes, ingrato, arrebente o corpo e a alma. Sacou de seu alforje um naco de pão e deu-o a seu jumento, com estremecimentos de ternura, como aqueles que, se encontrando em tanta dificuldade, dão-se as mãos. Se não oferecem pão, estendem um lenço para que melhor chorem e não deixem o nariz escorrer como se fosse uma fonte. Disse Sancho, então, ao burro: diabo que nos carregue que desse jeito morreremos já em tumba pronta. Mais ainda se consolava: Bem-vindo é um mal, quando outro não o acompanha. Surge o amanhecer. Para sua felicidade, vem-lhe a claridade encontrando o auxílio de seu amo. De tanto procurar, Dom Quixote o encontra o infeliz em tão lastimável situação. A natureza forte, a paciência de



uma noite, mais a bondade foram suficientes para devolver a presença da Triste Figura. Um anjo poderia celebrar e dizer paz aos homens de tamanha boa vontade, que faz suportar as imprecações das mulheres e dos homens, o choro dos filhos, a ignorância dos que não aprendem e a cova profunda onde, por vezes, nos metemos por força da natureza, da imprudência ou da ausência alheia.



NO REINO DOS CÉUS

Nada mais belo que a crença de haver anjos no céu. Via eu, criatura, o crepúsculo nos campos de Ronda Alta. Junto ao lago, o contorno de árvores banhadas nos sopros e nas cores de um poente ainda cheio de luz. Os dedos da tarde são pintores. A lua crescente se refletia sem ostentação, bem a rigor de quem é: não precisa aparecer. Sonhos distantes perseguiram a noite, e os peixes vigiavam sobre o perigo dos anzóis. Carecia muito pouco para se ter os anjos cantando: paz, um pouco de paz aos homens de boa vontade. Pediam um pouco dela, porque sobre a paz absoluta já tinham perdido as esperanças. Mas como as circunstâncias provocam falas inusitadas, os anjos faziam crescer suas vozes em pequenas ondas. Dois amigos falavam iluminados por eles, tentando imitá-los. Diziam de suas frustrações de pescadores, porém, enlevados pela apreciação do momento. E alimentavam suas vozes na bondade das brisas e sobre a grandeza da voz humana que invade a mente alheia, deixando o corpo e a alma ao alcance de Deus. Logo ali, entre os galhos das sobranes árvores, piavam as corujas. Piavam baixinho para não se impor às vozes celestes que presidiam a hora. Vozes mansas vinham da casa reclamando da água, que não fora suficiente para os banhos. Mas, sobretudo, pairavam os anjos já quietos, que eles também cansam de tanto pedir a paz. E no anzol precipitou-se um peixe e, ali na água, aquele corpo trêmulo de vida. Os anjos haviam silenciado. A noite havia chegado para o pobre animal das águas, tornando os anjos tristes diante do peixe que morria, enquanto o pescador se ria todo.



DEMÔNIOS E ANJOS DE UMA ALDEIA

Havia dois diabos cansados, assim se fava de uma lenda. Dormiam na pequena praça da aldeia, cansados de tanto tentar. Um dizia, seja infiel; outro instigava, agrida. Ninguém obedecia. Ambos não levavam mais jeito pra provocar pecados. Não se insinuavam com sucesso. Havia, por outro lado, dois anjos, também preguiçosos, porque não mais tinham necessidade de proteger nem de sugerir a santidade. A bondade fluía normalmente. O padre e o pastor também estavam vadiando. Iam pescar durante a semana. Eventualmente, derramavam uma bênção e ouviam algum pequeno pecado no fim de semana. Não disputavam verdades entre si, pois acreditavam que pescar, brincar e rir juntos tinha mais valor. Ambos inventaram uma forma diferente de amar a Deus. Dez grandes açudes e dez belos bosques seriam espaços preciosos para peixes e frutos silvestres. As cidades maiores, cheias de diabos irrequietos e de anjos operosos, vendo tais disposições divinas, denunciaram tais acontecimentos. A aldeia começou a ser visada por alguns ladrões, mas, como não tinham onde depositar as parcas conquistas, porque ninguém da aldeia queria mais que o necessário, ficaram desestimulados, voltando para a cidade grande. Outras iniciativas foram geradas para ver se conseguiriam demover os aldeões da vida tão cheia de virtudes. Iniciaram-se estudos de genética para pesquisar alguma mutação que estaria provocando comportamentos tão virtuosos. Comprovou-se haver uma mudança nos cromossomos responsáveis pela constituição nervosa, reduzindo-se a área da agressividade e de outras inclinações passionais. O espaço das ideias e dos sentimentos para as artes e da alteridade tinha maior poder do que a área da irracionalidade. O evento realizado para tais análises gerou muita polêmica. Houve muitos debates. Decidiram isolar a



tranquila comunidade: deveria ser banida, uma vez que a maioria dos empregos de diversas áreas sofreria um severo baque. A economia estava sob severa ameaça. Diziam os conhecedores de conduta: a vida sem grandes paixões compromete a economia. A vida sem transtornos inibiria a maioria dos setores da produção. Os aldeões por falta de comunicação não resistiram à pressão. Perderam as inovadas inclinações: aprenderam a roubar, a serem infiéis, se acostumaram à violência para não se sentirem excluídos, retornando a irracionalidade. Os diabos e os anjos tiveram de realizar cursos de reciclagem, os primeiros para aprender a tentar, e os segundos, para dominar as perversidades insufladas. O padre e o pastor voltaram a perdoar e a pregar.



Os demônios químicos

Caía a tarde em Passo Fundo no dia 24/04/07. As águas começaram a se derramar, assustando os colhedores dos últimos grãos de soja.

Acabara de ler, naquela hora, sobre a harmonia entre os dias de sol e os dias de chuva, facilitando a colheita farta. Sorriam todos pela abundância. Na corrente dessa ideia das plantas em seus sóis e chuvas, aproximei-a da desarmonia, nos casos de transtornos de humor, entre os elementos químicos que formulam o tipo de percepção e de comunicação que se estabelece na mente. Os elementos, quando se precipitam sobre as terminações nervosas responsáveis pelo pensamento e pelos sentimentos, causam conflitos de toda ordem. Avolumam-se os demônios da depressão e da euforia. Ora os seres ficam à mercê da onipotência, imaginando-se aptos a grandes realizações, ora paralisam-se em suas melancolias. Os pais entram em sofrimento extremo por não poderem conceder paz e prudência ao comportamento de seus filhos e filhas. Sofrem quando eles, debilitados pelos desejos e pela vontade, andam inconstantes em seus destinos. Os irmãos perguntam-se pelas formas bizarras da irmandade em desalinho. Resta, então, a muitos pais orar em busca de um milagre. Se pudessem, buscariam o exorcismo para verem afastados os demônios da soberba, da deslealdade, da inverdade e de todas as outras perversidades que afligem o coração humano e que se tornam ainda mais exacerbadas quando não se consegue estabelecer o equilíbrio entre os dias de sol e os de chuva. Os sóis dos demônios cintilam e queimam, desnordeando a direção certa, e as chuvas se tornam tantas que apenas fazem chorar. É nesse momento que os pais se debruçam e percebem suas dificuldades de amar nas irre-



gularidades da atmosfera. Ficam falando, então, sobre a fragilidade dos corpos, sobre os demônios da inconstância, mas não desistem de acompanhar, mesmo que tropeçadamente, a natureza alegre e triste de seus filhos e filhas, alcançando suas mãos para que não se precipite sobre eles o desespero.



O demônio das cidades

Que a alma mutável possa se contemplar, se comprazer, de certa maneira em si mesma, na contemplação da suprema sabedoria, a qual sendo imensa não é a própria alma, isso vem de que ela, por não ser igual a Deus, possui, entretanto, belezas que, depois de Deus, podem encantá-la. Sua beleza torna-se perfeita quando, perdendo-se de vista no amor de Deus imutável, esquece-se totalmente em sua presença. Mas se, ao contrário, indo por assim dizer a seu próprio encontro, ela se compraz em si mesma, como por uma espécie de arremedo perverso de Deus, até pretender encontrar o seu gozo na própria independência, então se faz tanto menor quanto mais deseja se engrandecer.

Presume-se, pelas afirmações, que o surgimento dos demônios deveu-se ao fato de estes terem ficado encantados consigo mesmos e, perdendo a maior caridade, encheram-se de orgulho, entendendo-se semelhantes a Deus de quem se afastaram por soberba. Acharam-se os tais, e disso adveio um grande castigo: tiveram de pagar com solidão a sua falta de solidariedade. A capacidade das maldades tornara-se infinita em razão do privilégio de terem comungado da fonte divina, mas, pela perda da virtude principal que deixa os homens bons, a caridade, ficaram desprovidos da alegria gerada pela compaixão. Assim sendo, em vez de haver a Cidade de Deus ou Cidades de Deus, elas tornaram-se ambivalentes. Cada cidade torna-se uma babilônia por determinação dos demônios, que se comprazem em andar de cima para baixo vendendo de seu veneno: a discórdia e a soberba. Eles, então, numa cidade, deixam rastros de pobreza; em outras, imprimem rastros de violência; em outras, sinais de insídia; outras, ainda padecem de ódios, pois que a soli-



dão faz os homens quererem encontrar a felicidade em seu próprio poder. Muitas cidades, então, tornam-se tão doentes que os anjos, inspiradores de divinas maravilhas, perdem sua força, acabando-se a alegria.



Seres alucinantes

Quando a mente é povoada de fantasmas sem nitidez, pode haver belezas ou feiúras austeras. Desse jeito, não se distingue se ali habitam anjos ou demônios. E os fantasmas que possuem laivos de perversidade podem alucinar ou podem até matar. São alucinantes quando provocam medos, fazendo associações cheias de ciladas diante de simples gestos. Os fantasmas são alucinantes e aterradores em gente perseguida pelo poder. Ai de quem ameaçar a grande casa possuída por seus desejos. Eles, mediados por loucas pretensões, transformam todos em inimigos perigosos. Os fantasmas agitam-se, ensurdecendo a melhor opinião e levando efeitos devastadores. Faz horas, eu vi um ser humano possuído de tais fantasmas. Terríveis ameaças pairavam, e palavras impensadas e carregadas de irracionalidade foram ditas. Os olhos revelavam a agitação dos fantasmas. Facilmente, em tais alucinações de poder, diriam, imitando a denúncia de Sancho em Cervantes: Nada pedem por favor o que podem tomar à força, ou, preferem ter a audácia do salteador que a súplica da gente honesta. Como se afirmou, pode haver belezas quando a mente é povoada de fantasmas sem nitidez. Lembro as alucinações de Quixote com seus fantasmas apaixonados e mirabolantes. O Cavaleiro da Triste Figura percebia um olhar apaixonado de uma infanta. Entendia que estivesse atraída de seus recursos físicos e espirituais. Tão nobre andante e justo em suas proezas, por certo, percebia-se dando à infanta filhos robustos e virtuosos, mesmo sendo frágil de pensamento e de corpo. Tão denotada estava a Triste Figura que também Sancho foi provocado por fantasmas da glória. Ao menos poderia ser duque, e agitavam-se seus fantasmas, que iam do alto da cabeça à boca: que será, pois, quando me puserem às costas a capa ducal, ou quando eu em vestir de ouro e péro-



las, à moda de conde estrangeiro? A singeleza dos fantasmas evoluía entre os dois. Quixote pedia que, ao menos, seu escudeiro cortasse sua barba de dois em dois dias. Se assim não fosse, seria percebido como Sancho em sua pinta de truão. Responde Sancho: arrumarei um barbeiro que irá atrás de mim como cavalição de gente graúda. E lá iam os dois andantes de cavalo e mula, cada qual com seus fantasmas de inofensiva grandeza. Assim, nem as coisas divinas têm lá sua nitidez, nem as infernais, a sua.



ENTRE O BEM E O MAL

Quem há de saber, com precisão, o que presta ou o que não presta? Quem há de julgar, numa mesma situação, o que é pecado ou virtude? Isso é posto porque, às vezes, os diabos são insidiosos, apontando para o bem onde se esconde o mal e, às vezes, os anjos parecem bondosos, mas, por não ter a medida certa, tornam-se maus. Trago mais uma vez à baila nosso Engenhoso Fidalgo Quixote. Vejamos como seu amigo, o bacharel Sansão Carrasco, equivocou-se muito ao querer corrigi-lo, mandando-o para casa a fim de que se curasse de suas esquisitices e bravuras. Sansão pensou em afastá-lo de suas andanças e aventuras, podendo corrigi-lo amplamente. Veio Sansão Carrasco na figura do Cavaleiro da Branca Lua e lutou derribando-o de seu Rocinate. Impôs, como paga, que voltasse para casa e lá se curasse de suas fantasias. Julgou que tivesse procedido com isenção de ânimo e que a aldeia faria bem ao seu amigo lutador de grandes alucinações. Em um ano de campo e conversas triviais estaria melhor. Resgataria sua lucidez. De fato, ao retornar para sua aldeia voltou a lucidez. Desde então, veio a entrar em melancolia, provando que a comunicação simplória e pequena não dá conta das evoluções de uma alma sonhadora. Mas Sansão Carrasco, por saber um pouco mais, julgava que seu procedimento fora correto. Pensava fossem dos anjos a inspiração da bondade em relação ao seu amigo. Entretanto, tudo acabou na tragédia de uma morte quieta dentro de uma aldeia pequena, cheia de coisas pequenas. Dom Antônio, respeitável cortesão, acertou em cheio em sua opinião, ao falar para Sansão, travestido de Cavaleiro da Branca Lua: Deus vos perdoe o agravo que fizeste a todo mundo, querendo tornar ajuizado o mais gracioso louco que existe nele. Não vedes, senhor, que o proveito causado pela cordura de Dom Quixote não se igualará ao prazer



que dá com seus desvarios? Dessa maneira prova-se que a amizade, por melhor que seja, nem sempre tem um bom feitio. Deixar que tudo ande dentro dos eixos nem sempre é a melhor maneira de se fazer um homem ou uma mulher. Fica difícil, portanto, reconhecer o que é bem e o que é mal. Dom Quixote morreu cristãmente e em juízo perfeito. É possível que nem mesmo o Senhor o tenha reconhecido, lastimando a perda do mais interessante louco espanhol.



OS ANJOS FALAM SOBRE A AMIZADE, ENTRETANTO...

Um pobre homem analisava os seus grandes defeitos e os seus tão poucos talentos. Isso foi se sucedendo enquanto não lhe socorreram bons amigos. Foi tudo se arranjando para melhor por causa da reunião de pensamentos, sentimentos e, sobretudo, de ações conjuntas para afastar a pequenez e a soledade diante da rebentação de influxos perversos que lhe chegavam de roldão. Decidiu realizar coisas boas, como pensar, amar, deliberar, não mentir nem dissimular, fazer generosidades e outras ações semelhantes para produzir as respectivas virtudes. Temperou melhor sua decisão pensando: os amigos, quando fazem ações conjuntas e boas, tornam ainda melhores as virtudes pelo reconhecimento mútuo. E tal amizade torna o ser quase inexpugnável. Pode-se andar na rua de cabeça erguida: a boa amizade faz ver melhor, afugentando-se a solidão e a conseqüente melancolia. Sobre essas idéias sobrevoavam os anjos. Tantas e tão boas eram suas asas! Sentado ao lado estava um descansado diabo, dizendo que a amizade, quando intensa e repetida, pode causar algumas aflições. Os amigos, por mais que sejam como se a gente estivesse consigo mesmo, gostam de invadir em demasia a privacidade, inibindo espontaneidades. Ia o diabo falando desse jeito, quando nosso homem, que se via incapaz de, sozinho, afastar sua sujeira, retrucou afirmando que preferia sua sanidade invadida às rebuçadas e quiméricas solidões. Novamente vieram os anjos, apreciando que, tanto quanto os amigos, os livros podiam oferecer boa companhia. Somente a troca de expressões e impressões proporciona certa determinação, e, se não fosse a comunicação, tudo se tornaria indeterminado e impreciso. Trouxeram para essas con-

siderações o que propunha Cervantes. Se havia um Quixote encantador, é porque tinha por companhia Sancho e livros, mesmo que destemperados. Alegregar-se e entristecer-se sozinho não é boa ideia, recomendavam os anjos. Pão e tristeza não se engole sozinho... O diabo que aí estava sentado riu-se, pondo o nosso homem um pouco desconfiado, e ainda sussurrou: nada é completo, vejam o que o amigo de Quixote, o Cavaleiro da Branca Lua, aprontou, mandando-o para casa e resultando disso uma santa e triste morte.



SE É QUE SE PODE DIZER: UM PÉSSIMO

DIABO

Muitos são os diabos e de má espécie. Coisa mais incrível é o que o homem é capaz de carregar. Vi deles de todos os jeitos e de toda ordem: aqueles perversos que riam da lágrima alheia; aqueles que são insidiosos ao mostrar parte de uma verdade, fazendo-se de bons e retirando dela proveito próprio; aqueles que olham com piedade e de piedade nada têm; aqueles que se doem por ver a alegria serena dos outros; aqueles que veem coisas ameaçadoras em ovelhas ou capim; aqueles que lutam desesperadamente por pequenas razões; aqueles que choram de saudades imerecidas. Enfim, diabos existem, e tão feios que até quem mora no inferno é capaz de se admirar por vê-los tão capazes e perversos. Esses são diabinhos de pouco quilate. Diabo perverso eu vi em Dom Antônio, que levava Dom Quixote para as ruas, expondo-o à gozação da população. E demônio terrível era o do próprio Quixote, que o fazia acreditar ser merecedor de farto reconhecimento. Maldade sem nome a de Dom Antônio, que lhe pusera às costas: Aqui vai Dom Quixote! E o povo mais os meninos, todos se riam. Quanto mais liam, mais se acreditava reconhecido e mais eufórico. Puseram aquela extravagante figura, esguia e longa, a dançar entre damas. Mais ainda se riam os fidalgos. Fizeram-no perguntar a uma cabeça respondedora sobre coisas. E a cabeça, que, por artifício, escondia um jovem em sala vizinha, respondia às questões levantadas. E o pobre homem acreditava nas verdades reveladas. O homem de la Mancha ia contando, crente sobre os fatos revelados pela cabeça solitária. Existe, pois, outro demônio perverso que faz levar adiante mentiras e mais mentiras. E outros demônios há que fazem acreditar aos desalumia-

dos. Assim ia o pobre errante, crendo que dançavam por dançar, crendo que o viam e o reconheciam, descrendo das péssimas intenções de Dom Antônio. De fato, muitos são os diabos e de má espécie. E assim se iam todas as maldades sobrepostas à ingenuidade de Quixote. E por mais que se analise a maldade referida, não se chega a denominar a metade das maldades e as formas perversas de sentir prazer com a insensatez alheia. Rir dos parvos é pra diabo nenhum botar defeito.



EM CASA

A figura máxima de proteção é um anjo que segura a criança antes que esta caia em abismo profundo. A asa protetora afigura-se clemente e mostra a fragilidade em que perambulamos. Me vem à mente o pobre Sancho em meio a agrestes florestas e rudes penhascos. Corre atrás de Quixote. Segue o demente amo, buscando a proteção no meio das montanhas. É nesse trânsito que Sancho percebe onde se metera, chegando a um passo do desespero. Num instante diz: “Senhor Dom Quixote, deite-me vosmecê a sua bênção e me dê licença para voltar daqui à minha casa”. Fustigar um asno, sob o comando de um cavaleiro alucinado capaz “de arrastar éguas, matar pastores, destruir rebanhos, turbar as águas das fontes claras”, é a maior loucura. A casa, então, torna-se um privilégio de grande proteção.

Após ler tais angústias em torno de Sancho, via a televisão mostrar a vinda de Bento XVI ao Brasil, defendendo o celibato e proibindo a camisinha. Via, também, uma Igreja cheia de homens de preto e vermelho: nenhuma mulher, como se Deus não estivesse bem servido delas. Lembrei-me, então, de Quixote, não sabendo se suas loucuras seriam tão grandes e extemporâneas. Logo a seguir, nas ruas, mulheres choravam comovidas, e comoviam-me por vê-las como Sancho, pedindo a bênção ao papa. Também elas queriam a proteção num mundo desembestado. Queriam um anjo, um Deus, um papa, ou qualquer outra proteção que lhes garantisse uma casa em segurança. E o cortejo passava perseguindo momentos de grandezas e demonstrações de fé. Ia o papa em seu Rocinante, proibindo e abençoando. De uma coisa não se duvidava: de que todos, Quixote, Sancho, as mulheres o papa e eu, buscamos um lugar onde



nos proteger. Afinal, a verdade é incerta, mesmo que o papa diga suas certezas, proibindo camisinhas e não concedendo às mulheres o múnus sacerdotal. Apenas sei que a palavra e o argumento, a ternura e a solidariedade ainda constituem a proteção, imitando anjos. Assim, pelo menos, a mente e o coração não se equivocam tanto. “Muitos pensam que há toicinhos onde só há paus”. Salve, Sancho, o amigo da prudência e do bom senso. Ele tinha seu anjo! E que retorne bem à sua casa!



UM ANJO NO PORTÃO

Manhã de sábado, propícia para receber anjos. Um rechonchudo homem grisalho, semelhante a Sancho e em tudo bom e ingênuo, desdobrou suas palavras como alguém que retira um pão novo do forno. Soltavam-se faíscas de sua serra e luz forte dos eletrodos que se derretiam, corrigindo mijadas de cães nas grades da casa. Contava de suas aventuras andantes e satisfeitas. Era de pouco lucro e de pouca família. Contente, como um pássaro na primavera, estava entregue ao seu trabalho. Ria-se de como os seus amigos pagavam-lhe cervejas. Alegrava-se com o baile da noite. Ria-se de sua licença perpétua para dançar no salão do Juarez em troca de serviços na manutenção do bailão da avenida. Trabalho simples igual ao de um serralheiro. Via todos os defeitos nos ferros, apontava e fazia a correção. Tinha olhos para servir. A soberba passava a duzentos quilômetros de distância de seu corpo. Prudente era ele em não dizer quanto cobraria para não pôr em maus lençóis seu patrão. Desse jeito, fomos andando entre palavras e fagulhas. Se houvesse um pouco mais de fé, juraria ser um anjo que me revelava as virtudes divinas da prudência e da solidariedade, pois não era obrigado a deixar o portão suave e os ferros sem rangidos, entretanto, assim os deixou. Em detalhes via ele a feitura de sua obra para que fosse justa a medida entre a cobrança e o serviço. Alicercei minhas virtudes de compaixão e gentileza. Levei para dentro de casa seu sorriso e seu jeito contente de ter o que tem. Havia a graça de Deus no meio de sua gordura, e a soberba dos diabos não o tinha nem por um centímetro. Fiquei quieto ouvindo uma música, agradecendo por conhecê-lo, só não sabia se Sancho ou um anjo. Albino era seu nome, pois que tinha não só de nome essa brancura, mas de sua limpeza de alma e de barbas que lhe cobriam o rosto. Havia em tudo uma



criação divina e minhas portas estavam limpas e diabo nenhum se divertiria com suas ferrugens. Falo dessas coisas para mim, a ver se Jesus Cristo não passe em vão em minha rua. E nessa manhã, na hora de sol puro e de pedras paradas, Ele havia chegado, mais feio e mais baixo, mais gordo e mais prático, mais gentil e mais velho. E eu o ouvi de todo o coração e de toda a minha alma. Creio que dessa vez o Senhor Vida não passou em vão.



ANJOS DO CAMPO

Os ruídos da vida têm seus mistérios. E quando no tempo, ao meio do bulício, se assoma a amargura, o campo convida a que se aquietem o coração ofendido e a ansiedade da alma. No caso de Quixote, por ter sido atropelado por um enorme cavalo, fazendo de seu cavalinho um Rocinante-ninguém, ficou vítima da tristeza por não poder avançar nos desígnios de ser o maior, o mais justo e o mais afoito cavaleiro. E conformava-se em ser pastor. Lá estaria longe de sua lança e de sua espada. Ficaria cheirando as flores do campo e ouvindo os silêncios das madrugadas. E ele mesmo nos confere tal opinião: comprarei algumas ovelhas e todas as demais coisas ao pastoril exercício necessárias e, chamando-me eu o pastor Quixotiz e tu o pastor Pancino, andaremos pelos montes, pelas selvas e pelos prados, cantando aqui, dizendo endechas ali, bebendo dos líquidos cristais das fontes ou dos claros arroios. Dar-nos-ão de seu dulcíssimo fruto, com mão abundantíssima, os carvalhos; teremos assento nos troncos dos duríssimos sobreiros. E seguia em diante no seu folgado, mas triste destino, porque não mais daria de si toda sua força. Não mais seria reconhecido como o grande herói da justiça, o vingador das damas ofendidas. Sancho, também, imaginava-se menos ameaçado. Poderia passar seus dias com sua Teresona, não carecendo mendigar pão pelas casas alheias. Nas suaves planuras do campo poderiam ouvir até o cicio das asas de anjos sobrevoando as casas e as ervas delicadas das coxilhas. Tocariam ambos seus foles e seus flautins e nas vésperas de grandes festas poderiam orar em paz, tanto nas matinas, como nas vésperas. Assim Deus estaria mais servido, uma vez que estariam semelhantes a Ele no momento em que nascera. Isso é que é o campo, mas seria isso mesmo que ambos desejavam?

MORRE DOM QUIXOTE

Por todos os lados que se olhe, a morte é triste, mesmo para a mais crente e a mais piedosa das criaturas. O mesmo se diga do anjo da morte que levou Quixote. Como passam os dias para quase todos, passaram os dias de Quixote, que, nem ao menos depois de suas loucuras, conseguiu ser pastor. Já colhia a cana dura para as flautas e achava-se forte para enfrentar o sereno do inverno e os uivos dos lobos, quando lhe possuiu uma febre que o derribou. Cervantes introduziu sua morte escrevendo assim: “como as coisas não são eternas, indo sempre em declinação, de seu princípio até seu derradeiro fim, especialmente a vida dos homens, e como a de Dom Quixote não tivesse privilégio do céu para deter o curso de seu declínio, chegou-lhe o fim e acabamento quando menos pensava”. Sabe-se: a causa da melancolia foi ter sido derrotado, pondo fim as suas engenhosas aventuras. Foi tomado novamente da lucidez, passando a ser simplesmente Alonso Quijano, o Bom. Isso se dá, com certa exatidão, com todos que andam pelo mundo tentando de tudo para melhorar um pouco a história de suas vidas e a dos outros. Alucinados correm para buscar alguma promoção e defesa, mas chegam ao mesmo destino. Correm tanto que em muito se parecem com as loucuras do glorioso cavaleiro andante. Ele, pondo-se abatido, e chegando-se nele o silêncio de quem vai embora, fez seu testamento e sua confissão. De pouco adiantam as lágrimas de tantos, como de pouco adiantaram as implorações de Sancho, que ternamente falava: “não morra vosmecê, meu amo, mas tome meu conselho e viva muitos anos. A maior loucura que um homem pode fazer nesta vida é deixar-se morrer, sem mais nem menos, sem que ninguém o mate, nem deem cabo dele outras mãos que não as da melancolia. Olhe, não seja preguiçoso: levante desta cama e vamo-



-nos ao campo vestidos de pastores, como temos acertado... Se morre de pesar por ver-se vencido, deite-me a culpa, dizendo que por haver encilhado mal o Rocinante o derrubaram”.

Com palavras boas e honestas, respondeu-lhe Quixote: “vamo-nos pouco a pouco, porque nos ninhos de outrora não há aves nesta hora”. E em menos tempo que esperavam o anjo levou Quixote com sua lucidez. Diz Cervantes que entregou o espírito, do que desconfio, porque não se entrega o espírito, uma vez que o levam, de todos, sem licença. É assim o anjo da morte, silencioso e sem graça. Se fosse o contrário, ninguém choraria como choraram aqueles que ali se encontravam, nem se lastimariam aqueles que perdem seus sonhos pelo caminho.



CERVANTES

Um querubim ou um serafim deverá povoar a cabeça de quem quiser elogiar Cervantes. Mas cada um que se contente com o anjo que tem. Sem desmerecer a quem quer que seja, ninguém conseguirá refletir, merecidamente, sobre tamanha genialidade: Cervantes, com suas amáveis criaturas, faz rir e chorar ao traduzir toda a condição humana enquanto sai em busca de um sentido de viver, com soluções impossíveis e com meios ridículos. Por melhor que Schilling diga, diz pouco: “Cervantes, para afastar dos leitores da época as fantasiosas façanhas dos cavaleiros andantes, para destruir um mito, fez por criar um outro: o de um pobre justiceiro louco. Um desatinado carregado de boas intenções e de generosidade, que luta incansavelmente para corrigir as dores reais e imaginárias desse mundo. Isto é, nós mesmos”.

Imensa foi a inspiração de Cervantes. Dela se comovem os homens, tanto quanto aqueles que, cheios de fé, leem Jesus Cristo. Ele também lutava com demônios querendo retirar a maldição humana do ódio e da soberba. Quem é que não anda perseguindo sonhos. Com um pouco de imaginação, não nos assemelhamos às loucuras das duas criaturas? Mais que Quixote, comove-me Sancho. Crê, sem loucura e fielmente, num poder que não existe e num império finalizado numa aldeia. Nem ao menos os dois conseguem pastorear, pois melhores foram suas loucuras. O deboche de Cervantes em torno das façanhas quiméricas dos cavaleiros andantes tornou ainda mais atraente o sonho humano de ir além. A época inspirava essa loucura. Não iam por este tempo portugueses e espanhóis pelo mundo todo matando índios como se tais criaturas fossem cruéis e de péssima estirpe? Não andou Bruno avaliando a



razão tão nobre quanto a fé, debochando de seus algozes? De fato, em Cervantes a vida parece ser uma burla com apelos de bondade e lágrimas. Mas meu anjo que sobrevoa a cabeça solicita que eu pare por aqui. Também estou a dizer quimeras sobre as criaturas de Cervantes. É de encantar que um maneta fizesse nascer de seu braço e de sua pena de avestruz tão angelicais figuras. De fato, às vezes, é melhor ficar quieto para não chorar.



A luta entre anjos e demônios dentro das cidades

Quem será capaz de avaliar a perversidade ser dos demônios? Não será da natureza humana essa inclinação? Quando e onde Agostinho viu os demônios suplantarem a bondade, a beleza e a justiça divinas? Entendo precipitada a avaliação que o santo faz dos demônios. Haveria razão suficiente para serem punidos tão pesadamente e terem sua presença tão amarga entre os seres humanos? Não é uma injustiça configurá-los como seres responsáveis pela maldade humana? Ao serem vistas coisas tão horríveis, pensadas e produzidas, tem-se uma instigante tentação de acreditar que existam, de fato, seres perversos e insinuantes. Por outro lado, movimentos tão belos podem ser apreciados, que se tem a tentação de dizer: os anjos existem?, ou será, também, da natureza esses movimentos da estética humana? Mesmo agora acabei de presenciar cena lamentável: um senhor levando seu cãozinho para o banho semanal, ao valor de vários reais. Ele passava junto de jovens que carregavam uma gaiota de papéis. Negou-se em ajudá-los com centavos. Aí estava um demônio atirando-se ao chão, rindo de tanto ódio. De outra parte, esse mesmo senhor levava sua sogra, e, pacientemente, sentava-se a seu lado a esperar que lhe repusessem os dentes. Havia em seu semblante uma harmonia. Mais ainda: vi uma história de meninos sem professores, chorando por estarem tão miseráveis em suas ignorâncias. Vi meninos e meninas falando de como poderiam alegrar os seus avós que estavam tristes. Neles se fazia a impressão da bondade ou residiam anjos ao lado das crianças cuidadoras?



QUANDO A MENTIRA É VIRTUDE

Se o agiota perguntar sobre o meu vizinho, que é o devedor, vou dizer-lhe: a casa que procura não é essa. Sei dele, tão pobre. Em desespero, procurou recurso e no desespero ficou. Menti para o agiota, livrando o vizinho da agressão. Pelo pouco dinheiro emprestado, em pouco tempo, avolumava-se mais de três vezes a soma tomada. Fosse dado um valor do qual fosse retirada a ganância, aí tudo bem. Assim me desculpava de minha mentira, dialogando com meu anjinho interior. Fez-me lembrar essa pequena história mentirosa, mais uma vez, o magnífico diálogo mentiroso entre Sancho e Quixote. Este libertou, sem a suficiente ponderação, os galeotes, antigo termo que se dizia dos condenados às galés: cada qual, um mais perverso que o outro. Quixote achou-se o salvador daqueles necessitados. Libertou-os contra a ordem da Irmandade Real, espécie de polícia federal, responsável pelo braço longo e, por vezes, torto da justiça. Por libertar os vilões, recebeu em troca a perversidade de seus libertos e o medo de ser perseguido pela Irmandade. O pavor alastrou-se no interior de Sancho, o mesmo acontecendo com seu amo. Este, entretanto, não poderia aceitar seu medo, preferindo mentir a si e a Sancho. O que aparece, no caso, é a forma angelical com que Cervantes põe a mentira na boca da Triste Figura. “Naturalmente és covarde, Sancho, mas para que não digas que sou teimoso e que nunca faço o que me aconselhas, desta vez quero seguir teu conselho e apartar-te da fúria que tanto temes. Todavia, jamais hás de dizer a quem quer que seja que me retirei deste perigo por medo. E não me repliques mais, que só em pensar que me aparto ou me retiro de algum perigo, especialmente deste, já sinto ímpetos de permanecer e guardar aqui sozinho não somente a Santa Irmandade, mas todas irmandades que há no mundo”. E lá se foram



Quixote, o Rocinante e Sancho com seu burro, mais apressados que de costume. Em sendo a pressa inimiga da perfeição, neste caso, porém, deixaram de lado o ditado e subiram, em trote, até a Serra da Morena para se esconder.



ANJOS DE LA MANCHA

É encantadora a descrição que Cervantes faz daquilo que Quixote presenciava em suas andanças.

Suicidou-se um pastor de gado de nome Crisóstomo. O rapaz morreu por causa de um amor não correspondido. A pretendida Marcela era a mais bela e a mais bondosa das pastoras, mas havia se negado de amá-lo.

Os amigos transformaram a admiração pela jovem Marcela em indignação, entendendo que ela havia sido injusta e má, pois que o falecido havia se queixado de ciúmes, suspeitas e de ausência. Marcela, ao aparecer num outeiro, antes que o corpo fosse posto ao solo, pronunciou-se ao ver a consternação e irritação dos amigos. Antes, porém, ouviu de Ambrósio, o melhor amigo do morto:

– Vieste ver quem foi roubado à vida pela tua crueldade?

O discurso de Marcela, em resposta, enche-me de dúvidas se as palavras não foram reveladas por um anjo, uma vez que em seu tempo não se pensava assim:

– Fez-me o céu formosa, segundo vós outros dizeis, e de tal maneira, que não podeis deixar de amar-me a formosura; e pelo amor que me votais, dizeis e até quereis que eu esteja obrigada a amar-vos. Sei, com o natural entendimento que Deus me deu, que todo formoso é amável; mas não compreendo por que há de alguém estar obrigado a amar a quem o ama.

Concluiu sua breve locução: como sabeis, tenho riquezas próprias e não cobiço as alheias, sou livre e não gosto de me sujeitar;



não quero nem aborreço ninguém; não engano a este, nem solicito àquele; não zombo de um, nem me divirto com outro.

Em tudo que Cervantes descreve, tenho a impressão de ele haver superado a tendência de seu tempo, em que a mulher devia estar sob o domínio masculino. O mesmo anjo fez Quixote dizer a quem pretendesse persegui-la:

– Que pessoa alguma siga a formosa Marcela, se não quiser cair em minha indignação... Ela vive alheia de condescender com os desejos de qualquer um de seus amantes.



Os diabos de Crisóstomo

No meio da jornada de Quixote aparece Crisóstomo, como já foi registrado, falecido de tanto amor. A sua amada Marcela engendrou-lhe tal paixão enlouquecida, que se poderia dizer, vinda do demo. Foi arrastado na direção daquela mulher de quem falava como injustiçado por não lhe corresponder ao amor tão pretendido. Ao pobre pastor de gado não mais preocupava a vacaria, mas somente a intenção de ter a sua amada; era-lhe penosa a tarefa de amar sem correspondência. Avolumou-se a desolação. O sentido de seu ser passou a ser o dela, e, não tendo para si tal formosura e tentação, o demônio infiltrou-se, apagando qualquer outro sentido. As montanhas e os rios, os horizontes cor-de-rosa, as gramas e os orvalhos não mais afluíam em seus olhos e ouvidos. O vazio da ternura inexistente insuflou-se como a morte. E ela se fez. Não havendo uma mão mais poderosa e parceira, foi-se aos infernos fundos. Ao chamar a morte, ela o acode: não se sabendo, se de tão forte seus apelos, ou se dos diabos. Só se sabe que foi enterrado o pobre moço. Já nos diz Dante: se não tiver uma alma boa a sustentar o peso e acordar do pesadelo, lá se vai o penitente peregrinando como um condenado e, aí, a morte é certa, mesmo vivo, ou, de fato, morto. Nesse transe inóspito de sua alma, num grito, Crisóstomo escreve:

Estraga a vida uma comprida ausência...

Em tudo há certa, inevitável morte...

E quem ler de Cervantes poderá ver o final daquele pastor:

Aqui jaz de um amador

O pobre corpo gelado

Foi ele pastor de gado

Perdido por desamor.

As coisas boas, quando exageradas, só servem para matar – ou pelos demônios cruéis, ou pela descontrolada natureza, conforme a fé de cada um.



O anjo moleiro

Engana-se quem imaginar que um moleiro não pode ser um anjo. Como a verdade é incerta, pode, então, ser verdade o que narro como vaga lembrança. Ia a Santo Cristo levar um saco de milho para transformá-lo em farinha no moinho de seu Riedel. Ele estava na porta de seu moinho e batia-lhe um sol inteiro em suas roupas brancas. De branco não escapavam nem seus suspensórios sobre a pança. Tudo lhe era brancura e o sol, de tão forte, transformou-o numa peça angelical. Esperava-me esse anjo pançudo, ao que parece, na infância, as alucinações são fáceis. Se crianças viram, sobre espinheiro, uma linda senhora, não poderia eu ver um anjo? O barulho ciciante das águas da roda retirava a concisão do momento e lá estava o meu anjo a receber-me. Somente muito de perto a alucinante visão deu lugar ao moleiro, fiel ao seu ofício de vender a matéria do pão. Entre o tempo de pesar e o de avaliar o que me restava como porção, fui ver as águas limpas e ouvi-las. Pesado o milho, levei a porção de farinha que me cabia. Suave era a hora. Avivou-se em mim, agora, a antiga alucinação. E não seria de fato um anjo que havia me aparecido naquela tarde em Santo Cristo? Não era o mesmo moleiro que levava ao Padre Gallas a farinha de trigo para fazer o pão dos anjos? Não era ele que dava de graça o seu trabalho para que os cristãos pudessem ter a certeza de levá-Lo para casa adentro, suavizando o peso da lavração e de uma ninhada de filhos? E quem diz que um anjo não pode ser gordo e usar suspensório e alpargatas?

O ANJO MULHER

Elas podem concentrar os anjos e os demônios. Em menino afirmavam de seus perigos para guardar santa a alma, repetindo o que Agostinho, o santo, já pensara. Mas tem um anjo de mulher que habita a cidade que eu habito. Tem tanta devoção: parece um anjo de verdade. Crê em Deus como a criança em sua mãe. Tira a solidão dos velhos presos em destino estreito. Vou ao campo e colho uma florzinha pequena e de cor suave. Dia desses fui vê-lo entre raios em grande tempestade. Voavam telhas e galhos pelas ruas. A manhã se tornara noite. Mas pouco se me dava o tempo, urgia encontrar meu anjo naquela manhã escura. Já não sabia se eu era Sancho ou se era Dom Quixote. Brandia a mão contra os ventos fortes e empunha o corpo contra as rajadas. Enfim se fez suave o tempo, e limpo o dia. Colhi das águas o suficiente para regar o antúrio entre vermelho e verde. Lavei minha alma e disse ao anjo que se traduz por divina Dulcinéia: já não sei se é a minha vida que governa o peito. Não rondarei em magros rocinantes. Comprarei um cavalo branco de genealogia pura. Não lutarei com ovelhas nem com moinhos de vento. Lutarei apenas para salvar as asas brancas de meu anjo santo. Tentarei captar um raio de lua e um som perfeito. Sentarei na pedra mais firme e jurarei fidelidade que até Deus duvida. Estreitarei meu corpo embevecido ao seu em memórias tantas. Se não lhe voar as penas é porque é mulher. Vou ao trabalho e, compenetrado, busco companheiros para ocupar o tempo e de quem receba em troca a alegria de ainda existir melhor. E quando murchar a flor do campo, em abril, irei de novo buscar aquela flor suave da cor da qual se cobrem os santos na quaresma. E se morrer meu cavalo branco, outro comprarei na Arábia e, de preferência, igual ao de el Cid e de genealogia pura. E se Deus quiser, suas asas me cubram de prazer e me



levem para os lugares nos quais sonham os muçulmanos mais fiéis.
Assim seremos amantes entre azuis da cor dos céus.



PALAVRAS

Os anjos e os profetas estavam reunidos, cada qual afirmando sobre suas providências para tornar melhores os seres humanos. Quieto estava um diabo para ver como poderia superar as angelicais e proféticas tentativas. As conversas, os painéis, as conferências, os posters, as oficinas e os minicursos já iam adiantados, e pouco se sabia do que seria o mais importante. O diabo aplicava-se como ninguém. Não foi a nenhuma das excursões paralelas para ver a cidade. Lia a tudo e a tudo ouvia e andava feliz com as ingenuidades literárias. Repetiam filósofos e avaliavam hipóteses de cunho teórico. Algumas técnicas de convencimento e outras de metodologias de saber o que fazer. Praticavam, pensava o diabo, uma estéril pedagogia. Ao final do Congresso Sobre as divinas e generosas formas de constituir um ser humano nas graves contradições do contexto social e cultural, o diabo viu-os eufóricos, percebendo, com grave nitidez, o vazio repetitivo de todas as afirmações. Ao final ele arrancou de dentro de si, pela graça que lhe sobrara desde a expulsão da intimidade com o Senhor, um pouco de compaixão em face da ingenuidade e da perda de tempo dos anjos e dos profetas. Mesmo que tivessem a eternidade pela frente, eles não chegariam a lugar algum. Olhou para a plateia dizendo: desculpem porque sou um diabo. Levou uma vaia como se fora o centro-avante da seleção brasileira da como 2014, mas, como todo diabo tem seu vigor, riu-se sobre o ruflar das asas protestantes. Entretanto, como até os anjos gostam de ouvir os diabos, que podem não ser bons, mas são instigantes, fez-se um grande silêncio. E começou a sua fala: me dói vê-los quando pensam em tornar melhores os seres humanos aplicando boas palavras. Somente as ações sistemáticas tornam melhor a raça que habita a terra. Somente a repetição da bondade e de todas as virtu-



des pode melhorá-la, o resto é conversa que até faz dormir diabos. Escolham algumas das virtudes melhores e façam o que Deus quer. Tenham o mesmo com as instituições: que façam escolhas virtuosas e ações específicas para cada uma delas, se quiserem que o mundo avance um pouco em sua grandeza. Do jeito que vocês pensam até os melhores diabos ficarão preguiçosos. Riu-se e desapareceu, deixando um cheiro menos desagradável que as estéreis palavras firmadas no Congresso. Voltaram os anjos para seus aposentos universitários, mas preferiram esquecer o que o diabo dissera. Afinal, era um pobre diabo.



BUSCAS E ENCONTROS

Ao olharmos para a primeira célula, reunindo os elementos dispersos, ficamos perplexos por tanta solidariedade. São tecidos, em milhões de anos, plantas e animais. Muitos desapareceram, sem nenhuma queixa, enquanto outros avançavam, em diálogo com as circunstâncias. Esse sentimento ao invadir o ser humano em busca de laços e mais laços, mesmo que em torno de objetos fugazes, dá-se pela mesma força. Vê-se comunidades de tantas origens comungando das lembranças, com famílias e seus santos. Cada qual garante sua permanência em alegres pertinências. Transcorre a mesma solidariedade entre fotos apagadas e objetos amáveis. Há um clamor alegre em suas festas comemorativas. Tocam os sinos e rezam por estarem ainda juntos.

Dentro da mesma energia foi o encontro de Sancho, no fundo do poço, com seu amo. Andava, então, Quixote pelos campos, treinando com a espada a ver se mataria os ofensores de mulheres. Veio dar com Sancho, caído em fossa. Resumidamente avalia-se o encontro:

– Olá de cima! Há algum cristão que me escute? gritava Sancho.

– Quem está aí embaixo?

– Quem há de estar, senão o atormentado Sancho Pança.

Por julgar que seu escudeiro estivesse morto, falou:

– Conjuuro-te a que me digas quem és! Se és alma penada, dize-me o que queres que faça por ti, pois que minha profissão é

ajudar os vivos e os mortos. Se fores Sancho e tiveres morrido, desde que não te tenham levado os diabos e pela misericórdia de Deus estejas no purgatório, solicitarei todos os sufrágios para retirar-te das penas! Dize-me quem és!!!

– Sou seu Sancho e nunca morri em todos os dias de minha vida. Até o jumento começou a zurrar tão fortemente que toda caverna retumbava.

Pela crença de Quixote – os burros não têm alma –, então, acreditou que fosse seu escudeiro. E mais forte se fez a voz de quem nunca havia morrido: vá logo e busque socorro.

É o princípio: reúne as células, os imigrantes, os companheiros e os burros.



O PERIGO NAS FRUTAS

Certa feita, quando seminarista, fui tentado a comer uma pêra que estava servida para uma vaca. Cedi à tentação e comi a fruta que era do animal. Fui denunciado e alterquei com o padre que me repreendia: senhor padre, também desejava a pêra saborosa. Recebi grave repreensão ao dizer-me que eu era um homem, não uma vaca. Meu autocontrole, portanto, deveria ser superior e não deveria disputar meus desejos com vacas.

Curiosamente, também Santo Agostinho caíra na tentação das pêras. Roubava-as do vizinho mesmo que fossem inferiores às de seu pomar. Era movido pela maldade, comendo o que não lhe pertencia. Árduas lutas se estabelecem entre a vontade dirigida pela razão e os desejos primitivos dos quais tanto se servem os demônios. Por essa razão, Santo Agostinho sentava-se horas e horas a escrever sobre a bondade divina, agradecendo a Adão o seu pecado, que também fora o de ceder à tentação de uma maçã. Agostinho agradecia: ó! feliz culpa, que nos deu tão grande Salvador

Curiosamente, hoje 11/07/2014, leio em Babilônia, de Pozenato a história de um dos personagens. O seminarista ouviu do padre superior: Roubando, então, senhor Justino Andreani? Não roubei, retrucou Justino, peguei três peras porque estava com fome. Ouviu do superior uma frase monumental: Você está tentando diminuir a gravidade de seu ato, por isso temo pelo seu futuro sacerdócio. A continuidade do diálogo não prosperou em favor de Justino, chegando o superior a tê-lo como ladrão, “como pode a igreja confiar num ministro que rouba”? O seminarista comeu as peras: a fome era maior que o medo!, mas dormiu mal por tudo que ouvira. Outro



dia dirigiu-se ao padre: Diga que estava brincando comigo ontem à noite, padre. Não, respondeu o superior, não estou para brincadeiras. Justino perdeu as estribeiras. Então o senhor é um cretino. A história acabou fazendo do rapaz um ex-seminarista.

Mania que tem o diabo de tentar os homens com frutas. Há de ter um segredo inconfessado em haver tanto perigo nas frutas. Ainda saberei avaliar o perigo nelas residente, especialmente as peras.



Os anjos nas pedras

Os meninos hebreus portavam ramos de oliveira, e o Senhor entrava em Jerusalém sobre um jumento. Mal acabara de ser aclamado e, a seguir, iria para um horto chorar entre oliveiras e pedras. A suavidade das oliveiras contrastava com a austeridade das pedras. As oliveiras sumiram, mas com certeza não as pedras. Mais alguns dias se passaram e uma grande pedra velava a morte do Senhor. E sobre pedras estavam dois seres resplandecentes, anunciando que o filho do Homem já não mais estava ali. Não está mais aqui aquele que procurais como morto, está vivo. A pedra retirada e os anjos sentados sobre elas. Comovem, também, os panos brancos sobrados sobre as lajes. Sempre elas presenciando tudo, caladas e soles. Logo a seguir Madalena veio, pressurosa, ver onde puseram seu amado, pedindo que falassem logo para onde havia sido levado seu corpo... a saudade era grande. Mas em tudo se apresentavam as pedras. Não é difícil imaginar as oliveiras e as pedras. A suavidade daquelas e a austeridade destas. Quando, em sua austeridade, aliam a beleza, então, parece que existe algo a mais que peso, cores e textura. Não seriam somente a compressão da montanha e as misturas de produtos que trariam a densidade e o peso. Há uma magia nas formas de cristais e estalactites. Há as negras e verdes, azuis e brancas, as amarelas e aquelas que detêm furta-cores não contentes de uma só. Por tê-las em sua duração e perfeição, em sua consistência e estrutura, surgem afeições mais fortes, imitando-as em tudo ou, ao menos, provocando desejos de trazer no peito a sua imortalidade. Não por nada, Deus buscou descansar seu corpo moído em seu dorso e, ao levantar-se, dar de vista com as oliveiras de Jerusalém. Os anjos, além de olhar o filho do Homem se levantar nu e vivo, dobraram os lençóis e puseram-nos sobre as pedras. Descansava o



jardineiro, vendo o que fazer tendo a eternidade pela frente. Para pensar melhor, sentou-se sobre elas aliviado de sua morte. Já não cantavam mais os anjos: paz sobre a terra. Depois de tanto sofrimento, desconfiavam de que seu canto não convencera, preferindo descansar sobre as pedras.



Quando o Senhor descansou

Pode-se entender a preguiça como o mal-estar diante da vida, afastando-se o sujeito de qualquer responsabilidade, como que dizendo: dane-se o mundo, me deixem aqui, no meu canto, que está bom. Diferente é a proposta dos anjos do descanso. São os mesmos que sustentaram o cansaço do Senhor depois de o mundo entrar em órbita com suas leis. Contam os anjos que sobreveio uma cansaça ao Senhor, depois que inventou a célula e ela começou a formatar, em sua memória inicial, as alternativas subsequentes. Cansou mais o Senhor quando inventou o pensamento, insuflando o grande conflito, ainda não solucionado, entre o espírito e a matéria com suas compulsões. Os anjos da contemplação e do cuidado entraram em função. Do jeito que assistiram ao Senhor, assistem aos humanos depois de árdua e boa tarefa, pois que ninguém é de ferro. Inspiram, na contemplação, as formas impressas em tudo. Já não está o espírito interessado em avaliar as intrincadas maneiras dos seres vivos e falecidos comporem-se e explicarem-se, mas apenas em olhar com certa volúpia todas as coisas do campo e da selva, parecendo simples capricho dos acasos. Aí não reside a preguiça, mas a mais profunda solidariedade na comunhão do espírito e do corpo com as coisas criadas pelo Senhor dos infinitos e aquelas da criação humana. Os anjos dizem que a contemplação anda escassa, de uma raridade impressionante.

Os anjos da comunicação

Não faço idéia de quantos graus é o calor do inferno. A imaginação, na história cristã, foi muito fértil em criar medos e calores insuportáveis. Sofri por causa dos calores infernais, quando menino. Os espíritos maus eram os protagonistas de tais horrores. Agora, o calor do inferno vem chegando à terra com o aquecimento global. Dele se diz com tanta naturalidade como se fala sobre a cor das amoras em setembro ou sobre os pinhões de abril. Antes fossem demônios e, com profundas orações, fosse possível devolver o devido tempo às estações. Perturba-me a mente saber que devo esperar a diminuição da cobiça em favor da vida. Antes convenceria os diabos sobre as agruras do calor, pois que sabem a sua extensão. Senti com eles o quanto dói o calor absurdo ainda no outono. 30 de março, rodoviária de Porto Alegre. Trinta e oito graus fora dela e, dentro, os calores das fumaças que faziam chorar. Esperava meu neto, vendo que no meio dos calores chegava gente e outra gente esperava. Via a alegria da comunicação. Pura alegria entre os suores. Os anjos vinham em multidão e lembrei-me da viagem nas montanhas da Galileia. Calores tantos e uma mulher grávida anunciava o nascimento próximo de um menino que prometia muito. Exultaram os ventres no meio daqueles calores, ainda sem os buracos do ozônio. Entre Porto Alegre e Galileia era pouca a diferença: os calores eram superados pelo desejo dos encontros e das palavras. Ninguém queria ficar só. Que os diabos ou o espírito maligno da ambição esperem um pouco, enquanto os homens e as mulheres visitam-se, mesmo que seja somente pra dizer: que calor!

O PRINCIPAL

Um atrás do outro, à medida que avançam, nossos amigos se afastam de nossa vista, apanhados pelas ordens silenciosas da morte onipotente. Muito breve é o lapso durante o qual podemos ajudá-los, em que se decide a sua felicidade ou sua miséria. Oxalá, nos caiba derramar luz solar em seu caminho, iluminar suas penas com o bálsamo da simpatia, dar-lhes a pura alegria de um afeto que nunca se cansa, fortalecer seu ânimo que desfalece, inspirar-lhe fé em horas de desesperança, diz Bertrand Russel. Complementa More... e nenhuma virtude é tão própria como esta –suavizar o mais possível as penas dos outros, fazer desaparecer a tristeza, devolver a alegria de viver, ou seja o prazer.

Ao ouvirem tais afirmações de argutos seres humanos, alguns anjos reuniram-se para a Macedônia. Lá se juntaram em homenagem a Aristóteles. Foi ele quem começou a dimensionar a igualdade humana. Se as leis são comuns a toda espécie, possuindo nela sua essência, qual seria a essência da humanidade? Longe estaria de ser a pele ou outra característica accidental. Inaugurou-se a compaixão. Aí, então, inventou-se o interesse coletivo que qualifica a humanidade. Foi aí que os anjos celestes afirmaram: os interesses soberbos e eficazes na constituição da felicidade são aqueles que são próprios de todos que se reúnem. Aquilo que está entre as pessoas é que conta, não apenas aquilo que está nas pessoas. Assim, o maior prazer constitui-se nas ressonâncias de muitos que se querem bem. Por causa de Aristóteles reuniram-se na Macedônia. Tornou-se inegável sua cooperação na definição da amizade como um aspecto singular dos homens e das mulheres. O homem da Macedônia avaliou que não se pode estar feliz sem a presença e os interesses de uns pelos



interesses dos outros. E quando eles se vão não pode haver outro jeito senão o de se retomar caminhos, de mãos em outras mãos. Os interesses solitários tornam-se incompletos e indeterminados. Por isso reuniram-se os anjos na Macedônia: por razões de fortalecer os interesses comuns e bons, tornando melhores os amigos. Apesar de o sábio grego crer na minoridade dos escravos e das mulheres, implantou, pela afirmação da essência humana, o que hoje denominamos de igualdade e dignidade.



O ANJO TERNO

Havia um deles, de rara presença. Cansou de tanto se pôr à disposição. Morreu de inutilidade. Levado foi a uma nuvem de outono, rosa, solene. O Senhor permitiu que não desaparecesse como um sopro, mas fosse sempre lembrado. Houve silêncio por longo tempo nas paragens divinas. Até aos demônios foram autorizados participar de seu velório. Houve o panegírico feito por um santo(?). Ele expressou-se sobre a presença dos diabos, dizendo: desde quando podem eles contemplar das tristezas celestes? Parece não sabermos o seu lugar. Os diabinhos avisaram ao santo que haviam sido convidados, afiançando ainda mais: não sabemos como você entrou, nem tão grande você foi, pois caíste mais de mil vezes em violência e seu coração não foi tão puro. Foram mais acres quando disseram que teve pouca virtude, os diabos sabem da miséria humana. A sua ternura não fora bem praticada. Nem sabemos como Deus permitiu que você chegasse aqui pela soberba que tinha. Foi você um dos que causaram o falecimento do anjo enterrado na nuvem rosa e solene. Aproveitaram a estada celeste para reclamar do Senhor sobre a zona de conforto por onde andavam alguns deles. O trabalho estava fácil demais e alguns diabos novos estavam cheios de preguiça. O Senhor, delicadamente, mandou-os embora, avisando que, da próxima vez, não seriam convidados. Retiraram-se, embora em desacordo com a ordem. Queriam espiar o lugar das santas. Estavam prontos para demonstrar que algumas delas não poderiam estar ali. Eram insidiosas e falsas. Outros diabos de maior lógica falaram aos seus: quem somos nós para exigir virtudes das santas? Alguns anjos explicaram que o amor não havia se esgotado. Novas formações amorosas seriam apresentadas num próximo documento a ser veiculado na TV eterna. Quem sabe os demônios não teriam de volta



sua dignidade? Deus, que não carece de vingança, poderia perdoar a soberba dos diabos.

Demônios das alucinações

Quando entram em nosso lar, são piores que ladrões em casa alheia. Quebram os cristais finos e a louça limpa. Põem a mesa das refeições de pernas para o ar. Discorrem sobre inverdades e mutilam a razão, deixando o pensamento torto. A face crispa e os sonhos bons voam ao longe, como pássaros feridos. Há uma reverberação austera e uma comunhão de angústias se reúne. Ódios acompanham com tal intensidade que se constrange o corpo todo. A fonte tão límpida do rosto é marcada por traços odiosos, como se nuvens carregadas de raios aí pousassem. O coração do companheiro despedaça-se mais que o suportável, avizinhando ainda mais a morte. Sujam-se as fontes e as boas intenções. Mas os anjos da entrega debruçam-se consolando: o tempo da bondade ainda há de vir. A casa cala-se, então, enternecida. Infelizmente a maioria dos anjos cansa apesar de todo esforço humano.

Os anjos do prazer

Alguns deles andaram desiludidos por terem feito um discurso exagerado em favor dos prazeres. Haviam entendido que a ressurreição teria livrado a cara de qualquer sofrimento. Dizia um inclusive: Deus agora é só alegria! Liguei todas as torneiras e joguei pela janela a vergonha! Gozei a todo instante. Deus, ao ver e ouvir o excesso de seus seres bondosos, ficou assombrado. Virou-se rapidamente da direita para a esquerda, lascou um pito e mandou que recolhessem suas intenções. Depois que a bondade desceu-Lhe sobre suas barbas infinitas e amainou-se a voz, recobrando a serenidade, continuou: falei aos homens dizendo que a alegria é o primeiro sinal de felicidade e o prazer também. Deus citou o filósofo espanhol Savater: o prazer é muito agradável, mas tem uma tendência prejudicial a ser exclusivo: se você se entregar a ele em demasia, ele será capaz de deixá-lo sem nada. Esse mesmo pensador afirma que a alegria é maior quando se vê cercada do interesse dos outros. Digam: são bons aqueles que sabem a justa medida entre o prazer e os desejos alheios. Já pensaram, anjinhos do céu, se o descanso que dá prazer prolongar-se nos jovens, quando se tornarem exímios em alguma coisa? Já pensaram como ficarão os mais velhos se olharem a si mesmos o tempo todo? O prazer, é verdade, afasta-nos da amargura e da trivialidade, mas ninguém gosta de rir e brincar sozinho o tempo todo. A virtude da temperança ainda é boa, pois, com ela, sabe-se exatamente até onde podemos ir. Digam aos homens que as estrelas voam velozes, contudo não perdem o rumo na convivência com as outras. Nem por isso deixam de navegar o infinito. Os anjos do prazer vieram à terra e incentivaram a alegria, afirmando: deixem de lado os ranços, uma vez que alegria produz alegria. Que tenham um pouco de esforço para pôr um sorriso no rosto dos amargos e



dos tÍbios. Todavia os homens tÍm dificuldade em manter o preceito de AristÓteles: tenham todos um apetite moderado pela razÍo e olhem atentamente os pobres mortais que estÍo ao lado. Depois disso Deus descansou, sem esquecer o seu despertador.



SONHOS AO ENTARDECER

As melhores cores do céu reúnem-se junto aos tons da aurora boreal, mas naquela tarde de terça-feira reuniram-se em Palmeira das Missões. Os campos das colinas e dos pequenos vales foi o lugar da convenção. Era a fala do entardecer. Uma melancolia poética expandia-se entre os verdes das árvores onde a noite avizinhava. No céu as luzes amarelas e vermelhas disputavam com o azul o espaço redundante. Me vi um primitivo no deserto, lendo Deus preso em toda a parte. Desejei a permanência do outono; é quando se debruçam as graças dos frutos nos milhos dobrados em suas palhas cinzas. As colheitas finalizavam naquele dia, e as máquinas debulhavam os últimos feijões. Aí vieram diversos anjos soletrar bondades. Os anjos do perdão estavam serenos e aqueles da justiça não apenas concediam a cada um o que é seu. Permitiam a todos abrigar a dignidade em dia. Nada mais ficava em vão: cada qual tinha com quem conversar sobre as suas grandezas. Depois, reunidos, os anjos foram descansar, que ninguém é de ferro. Somente alguns ficaram atentos naquela noite de terça, porque, era sabido de todos: os diabos espreitam e, muitas vezes, aproveitam-se da escuridão para inspirar pecados e assustar a fragilidade humana.

DA POLÍTICA CENTRAL

Aprendem a mentir. É sua vocação mentir. Prometem ações que tornarão melhores as vidas. São verdadeiros ilusionistas e todos se encantam com seu poder de iludir. Alguns políticos estão próximos dos recursos e divertem-se com seu poder. Falo, então, dos senadores, dos deputados federais, do presidente e dos ministros e de todos aqueles que estão próximos deles. Os demônios habitam Brasília, incitando o poder. Por muito tempo eles rondarão Brasília, uma vez que a centralização do bolo fiscal é grande, sobrando aos pedintes dos estados e dos municípios menos, muito menos do que exigem as demandas locais. Os pobres mortais estendem seus chapéus e choram suas misérias aos orgulhos da política central. Os demônios temem que lhes tirem o poder. E lá vão os prefeitos tomando os aviões, pagando mais da viagem que dos resultados. Porém, dizem-me anjos às centenas: não caia nessa censura demolidora. A política é que garante a ética para todos. As leis regulam as relações, buscando conferir, da melhor maneira, a justiça, preservando a dignidade, garantindo um pouco de honra e glória, e punindo aqueles que delas se afastam. Por outro lado, os diabos andam soltos brandindo a impunidade. Calaram-se os diabos por breves momentos para, depois, retomarem seu discurso, rindo da ingenuidade dos anjos. Tenha anjo para acreditar nas ilusões. Dizem, ainda, os diabos: é o nosso melhor divertimento. Não pode haver maior pecado que este de Brasília. Deixai assim, que o inferno também merece atenção. Nosso esforço é breve, fácil nos é trabalhar neste lugar onde a justiça é remota.



OS ANJOS VAGOS

Quando chove, muitos encostam seus narizes nas janelas, pondo seus olhares para o nada. Há uma espécie de canseira que se dobra sobre as coisas. O sujeito entrefecha seus olhos e o pensamento nada mede, devaneia como folhas que são levadas pelo vento e quem há de saber de sua vontade? Uma tibieza encobre a mente, uma bruma dissolve a nitidez da rua e dos passantes. Há uma receptividade inconsequente, com uma ruminação inconsciente das ideias. Não produzem nenhum convite aos sentimentos. Divagam como os gaúchos que por aí andam pelo instinto de andar. Não existe luz na alma: uma penumbra oculta a vontade de existir. O melhor que se faz, neste transe obnubilado, é deixar-se levar, porque não fazer nada também é viver. São anjos distraídos que têm sua alegria em contemplar sem se comprometer. Afinal, ter na vida tal zelo e atenção, a ponto de gastar-se a alma de tanto inserir-se em tudo, merece um pouco de paz. Deixar os pássaros interiores voarem sem direção é um recreio para quem teve de pousar sobre os campos, amealhando frutos. É o momento de um vôo sereno pelo prazer de voar. Os devaneios do espírito têm um canto murmurado: uma espécie de canto-chão, cujas suavidades fazem quase dormir. Entretanto, se existem anjos sem graves destinos, há, também, entre suas hostes aqueles mais severos e compenetrados, aqueles mais atilados, sendo quase todos mui esforçados doutores. Aqueles que dão conta da atenção, da responsabilidade, do cuidado e costumam murmurar contra os anjos vagos, acreditando que assim, nesse marasmo indolente, não existe virtude alguma. E reclamam os anjos doutores: em seus currículos há muita produção, todavia, os anjos contemplativos alimentam-se dos mesmos pães dos trigais do Senhor. Foram estabelecidos, então, diversos critérios classificando como



produção qualis a, qualis b e assim por diante. A improdução dos anjos vagos ou, melhor, suas moles produções eram computadas em qualis f, e, com tal avaliação, faltava um degrau para serem jogados no inferno.



OS ANJOS DA ENTREGA

São raros no reino. Quem os invoca fica louco na vida. Há uma precipitação de amor que comunga intimamente, a ponto de a individualidade ficar à sombra da conjugação. Eles são de uma austeridade anacoreta. Os resultados, porém, são válidos uma vez que eles fazem da fidelidade uma proposta absoluta. Pois é, são extremistas, uma vez que, nessa conjugação, ampliam-se o passado, o presente e o futuro na interação com outros. A memória não permite que sobrevenha o rio do esquecimento. Tais anjos são vistos com muito respeito. Constituem uma raridade. Seus favores e graças são muito especiais. Por outro lado, são muito democráticos e submetem-se ao projeto do construtivismo. São intransigentes na colaboração. Possuem uma oração muito particular que assim inicia: ó, vós que sois do altíssimo o Senhor, concedei a solidariedade a quem ama. Fortalecei os laços e que brilhe sobre a cabeça deste casal a estrela da alegria e que não percam mais de meia hora sem fazer brotar um sorriso. Prolonga-se a seguir pedindo a imensidão da generosidade. O Senhor descola sua infinitude. Terminada a oração, os anjos excelentes invocam-No com um parecer bem curioso. Que nenhum deles tenha outros pensamentos senão da e-terna conjugalidade. Os anjos da entrega são também responsáveis por outras fidelidades, responsáveis por entregas permanentes. Como, por exemplo, ser fiel a si mesmo, ou a de sempre estar pronto para ajudar. E quando o amor agrega o cuidado, na fragilidade, os anjos concedem a graça de os amantes partirem sabendo que amaram.

Um anjo humilde defendia a respeitabilidade com ardor e exagero. Apaixonava-se no louvor à cordura e à decência, imitando Chesterton.

O DEMÔNIO DA DESCONFIANÇA

Ele se transforma em ameaça para quem está fragilizado. O demônio aproveita-se, criando tamanha confusão que a pobre criatura passa a não crer no seu pequeno poder. Ele, me parece, tem um prazer especial em espreitar, também, os poderosos. Ricardo III, rei da Inglaterra, em razão de sua fragilidade física, acabou tornando-se um tirano. Vingava-se nos outros da própria insatisfação de ser aleijado e desconfiado de seu corpo torto. Fez tanto e tão mal parecendo possuído de demônio. Avaliavam poder se fazer um exorcismo no homem. O seu poder era extenso e tanto a ponto de ninguém se afiar de dizer de seus absurdos. Poucos trocam a pele pela honra ou justiça. Perdeu a amizade dos mais íntimos. Matou todas as crianças só de pensar de serem varões capazes de se constituir em ameaça. Ao final, por desconfiar de si mesmo e, por corolário dessa insegurança em relação a si e aos outros, passou a odiar a si mesmo. Outros demônios apresentaram-se, como aqueles próprios do medo, da raiva, afugentando qualquer anjo que se apresentasse nas proximidades. E Shakespeare afirma dele o seguinte: Lançar-me-ei com sombrio desespero contra minha alma e acabarei transformando em inimigo a mim mesmo.

O olhar do possuído fica perdido no horizonte, e seu coração arde de dor por falta de refrigério. Nada subsiste como consolo. Pode o bobo da corte rir e gracejar, podem todos cantar, que fica soturnamente silencioso.

A desconfiança pode iniciar com um pequeno defeito ou com qualquer sinal de desamor. O demônio da desconfiança, que é o mesmo que em outros lugares se chama de ausência de fé, ri-se do



desafortunado e chama outros demônios do desamor, e todos aqueles que aqui já foram evocados. Fica o sujeito desconfiado, como o cidadão Kane, cheio de possibilidades, mas sem saber amar, com saudades de seu tempo infantil, quando brincava com seu trenó. O demônio da desconfiança é ágil, vai para frente e para trás, encontrando, sempre, uma exagerada razão para perturbar todos que o rodeiam e fazer seu coração encher-se de angústia. E veio um anjo dizendo que até as mulheres velhas devem confiar em suas coxas enquanto o calor não se extingue completamente. Riram-se, então, os demônios pela primeira vez.



O QUE SE VAI NA ATMOSFERA

Sobre o Sinai fazia forte vento, precedendo os trovões profundos, cujos ecos eram mais terríveis que a voz ameaçadora dos profetas. Quem haveria de explicar? Não seriam os rancorosos espíritos celestes incitando ao arrependimento? O grito de “Arrependei-vos de vossos pecados” causava medo às crianças por não saberem explicar do mal a ser lançado sobre suas cabeças. Ribombavam os trovões alheios aos gritos dos profetas.

As colheitas foram pobres e os impostos, altos. Nem os pastores encontravam grama nos cantos das rochas. Suas ovelhas perdiam suas crias, e seus filhos choravam de fome. As portas batiam ao sopro do vento, as folhas das janelas, mal fechadas, rangiam desesperadas. As nuvens de areia se precipitavam sobre os telhados. As vozes eram roubadas antes de chegar ao ouvido. Não havia como não sentir a impotência diante do inesperado. O templo era refúgio por sua fortaleza e o único Deus os protegeria dos assombros.

Quando vinha a chuva, amainava-se o tempo. As nuvens deixavam o sol brilhar. A madrugada era suave como a lã desfiada para as vestes. A roca era ouvida em seu trabalho, e os pastores amavam as pequenas grammas renascidas. Acalmavam-se as crianças diante do Altíssimo, os sacerdotes liam os salmos na proteção do altar. Acalmavam-se o profeta. O pensamento inebriava-se na esperança. Nas noites calmas de Jerusalém podia ver a Deus andar por entre as casas brancas. Poderia uma jovem sonhar em tempos gloriosos, sendo seu filho o grande fomentador das vitórias. Tão propícia era a brisa e os gestos amenos. Os mais velhos poderiam ter a sensação da juventude. Gerariam filhos em sua velhice tardia. As mulheres



velhas gemeriam de prazer nas noites calmas nas colinas e nos vales. Novas mobílias seriam encomendadas ao marceneiro e os profetas diriam: um salvador há de nos fazer feliz. Um pequeno menino há de nascer entre nós e não teremos mais vergonha de nossos pecados nem medos do tonitroante Sinai. O inimigo fugirá para longe, tão longe, que perderá o rumo da volta.

Hoje ainda rezam. As bombas dos inimigos continuam caindo sobre Jerusalém. Os ódios cresceram. Nem mais a primavera, tampouco os profetas resolvem aliviar as dores. As crianças já sabem o que se lhes vai sobre as cabeças.



MEU ZELOSO GUARDADOR

Naqueles tempos, as virtudes eram como a graça divina mediada pelos anjos; os vícios eram como forças demoníacas rivalizando com as divinas. Ao agravarem-se as consternações do espírito, a perversidade era tributada ao poder diabólico. Aprecio entender as virtudes de quem anda pernejando neste vale de lágrimas, acreditando na existência de anjos mediadores. Parece-me haver anjos de extensa paciência, uns gorduchos e de grande gentileza. Sopram sobre nossas cabeças para que não nos precipitemos nas decisões e não tenhamos cedência nas fobias e nas nervosias e, nessa fortaleza, caminhemos equilibrados. Vejo anjos severos em alguns de meus amigos, quando, disciplinados, perseguem seus objetivos. Estão serenos e poderosos, quase como a Santíssima Trindade; sabem criar, amar e inspirar. Alguns são muito confiáveis, pois não são capazes de agir sem medir com moderação as suas ações. Tem outros anjos que protegem meus amigos: são os anjos do amor fiel. Com esses anjos não dá para brincar. Fazem com que meus amigos sigam vinculados, docemente, a quem tenham jurado estar presente. Suas famílias e seus amigos de trabalho podem sempre contar com eles. Outros anjos são de trazer notícias extraordinárias, assim como o anjo que trouxe mensagem que espantou a uma menina de Nazaré. Imagino só o espanto de uma simples mulher ter de emprestar seu ventre ao Espírito Santo para nascer um Deus que desse conta de toda a miséria humana. Mas, a miséria continua! Queria ter um deles só para mim. Hoje eu daria uma boa notícia a uma amiga que teme morrer. Diria: Guria! Não temas, pois que achaste graça. O câncer que trazes em teu seio não vai te fazer mal algum. Morrerás somente depois dos cem anos, com lucidez e amor. Necessito de um anjo qualquer que me ajude a dar algumas aulas bem preparadas e



me diga que todos de minha casa vão estar cada dia melhor, e todos morrerão bem velhos e muito depois de minha partida. Quando Fellini se ia embora disseram pra ele: Todos rezam por sua saúde. Respondeu: não podem fazer mais nada. Entregam a Deus o que não podem fazer. Deus o levou logo a seguir.



UM ANJO TONTO

Era, para toda a gurizada, uma grande casa de comércio, a única, a venda do seu Braun. Quando a bebida rolava, dentro e fora do balcão, todos sabiam que a confusão seria grande: briga de marido e mulher e falas altas dos alemães-russos que cuidavam, sem diferença, de seus cavalos e de suas mulheres. As almas destilavam-se brutas e sofridas na cachaça. Havia, outras vezes, sonhos bons e de sobra, em cima, dentro e fora do balcão. Para os meninos as balas coloridas era um desejo insidioso e cruel, pois mal podiam ser atendidos. As mulheres tremiam de medo na mistura de gente da Vila Sete e da Cascata, de onde caboclos de fácil briga vinham, loucos para mostrar, de qualquer jeito, o quanto dói ser o pequeno. Mas aí, também, pairava a doçura sobre os pelegos coloridos dos cavalos enfileirados nos palanques. Aos domingos, depois do terço, vinham todos, de roupas novas, mostrar a grandeza humana. A pobreza das vestes da semana dava lugar às roupas limpas, e os pés descalços tomavam melhor sorte nos sapatos. Seu Braun, com a bebida de dentro do balcão, contrariamente ao possível gesto mau, mostrava uma infinita bondade de momento: dava-me balas e eu me julgava um menino cheio de dignidade. Carregava-me de presentes: suspensórios e chocolates, que minha mãe obrigava-me a devolver porque meu querido padrinho não podia fazer o que fizera. Dizia a justa Genoveva: leva de volta que a bondade dele não foi boa. Minha alegria transformava-se a seguir. Levava, constrangido, os presentes de meu padrinho. Ele os recebia de volta. Eu apenas falava: a mãe disse que eu só posso receber o presente no Natal. Ele apenas respondia: está bem, se é assim que a dona Genoveva pensa. Havia uma tristeza em sua voz meio tonta. Não sou Casemiro, mas tenho saudades da infância e de meu anjo padrinho.



VIAJANDO PRA POA

Se Moisés ouvia a fala de Deus na sarça ardente, porque não posso vê-lo, em nuvens desenhadas? Nos algodões do alto formou-se um navio romano em sua imponência real. Uma luz forte acompanhava a nave nem bem tinha se apagado a luz da lua e mal se apagara a estrela matutina. Pedi a Deus qual o sinal que aí se constituía e qual a minha resposta. A seguir o fumo celeste desfez-se, aparecendo-me um desenho de um grande cachimbo para celebrar a paz. Uma voz suave falou dentro de mim. Sempre que te visito venho em missão de conceder a paz. Que decifres a minha vinda através de um serviço em favor de meu povo: a única maneira de ser feliz Chilei um pouco, tentando desaquecer em mim os pedidos de meu Deus. Preferia sentar-me à beira de um riacho e pescar, retornando aos prazeres de minha infância. De pouco adiantou meu descanso. Os vapores da noite apareceram em profundos vales. Voltei para o meu interior e entendi que a suavidade de Deus está impressa nos vapores da manhã: Ele estaria comigo e, portanto, não temesse a Sua vontade. Sua ternura divina, traduzida na bruma, solicitava viajar em missão de paz, tendo por destino dignidade para aqueles que envelhecem, pois que o Senhor concedeu longa vida a Seus filhos. Adiante divisei as rochas altas e duras. Aí a voz de anjos, que moram entre os rochedos altos, falou com maior vigor: homem de pouca fé, sê austero na decisão e não fuja dos caminhos do Senhor. Vá à tua direita e à tua esquerda, sem distinção de lugar, e tenha em tua frente o dever de retirar a angústia, o medo e a solidão daqueles que, já tarde, vivem de pouca esperança. Que a morte não os encontre com lágrimas nos olhos. Então, a suavidade dos vapores subiu dos vales, tornando mais suave a manhã. Assim falou Deus a um de Seus varões. E, por fim, divisei dentro de mim a humildade que



dizia: não te orgulhe, pois teu trabalho e tua via é como escultura de nuvens.



EASTMAN E OUTROS MAUS DE PENSAMENTO

Enquanto buscava decifrar a vontade insondável da vida, surgiram palavras de maldade. Lia, o quanto, numa dança, pode prender-se a dor e a morte. Disso já foi falado, ao afirmar-se que, em certos lugares da terra, existem lutas e mortes sem razão. Por aqui elas se deram tantas em revoluções, feitas de obediência a chefetes.

Conclui-se haver desejos em mover braços voltados para a destruição. Para não se ter dúvida, leiamos em Borges: dois compadritos metidos em séria roupa escura dançam com sapatos de mulher uma dança gravíssima, que é a dança das facas. Até que de uma orelha salta o sangue: a faca entrou num deles, que encerra com sua morte horizontal esse baile sem música. Resignado, o outro ajeita o chapéu e consagra a sua velhice à narração desse duelo tão limpo. Esta é a história detalhada e inteira de nossa gente maleva. Assim diz Borges em sua descrição sobre A história universal da infâmia. Pouco é essa elegante violência, comparada aos gestos mortais de Eastman, o provedor de iniquidades, um homem corpulento e de condutas sem medidas. Eis aqui seus honorários: 15 dólares por uma orelha arrancada, 19 dólares por uma perna quebrada, 25 dólares por um balaço numa perna, 25 por uma punhalada, 100 pelo negócio inteiro. Às vezes, para não perder o costume, executava pessoalmente alguma tarefa. Pode-se dizer que o demônio é capaz de convencer pela raiva, pela força, pela demonstração de poder, pelo prazer do desafio, até por machões submissos a chefões e outras tantas invenções que fazem precipitar incomensurável devastação. Mais grave é o fato de um raivoso poder induzir outros



raivosos, salientando-se que os sentimentos transitam com maior velocidade que a razão. Aí, então, reúnem-se os demônios infieis à vida e começam a engendrar a injustiça e a desigualdade. Apaga-se o melhor juízo, e as fontes da vida ficam envenenadas. Disso todo povo já sabe, mas, às vezes, é bom recomendar “asi no mas”, ter no bolso algumas virtudes. E não faz mal que se tenham algumas ingenuidades de acreditar que o mundo possa avançar, tanto em idade como em sabedoria. Se tal não acontecer, fica o transportador de esperanças com o mal-estar de achar que somente os maus sentimentos funcionam bem na humanidade.



VIRTUDES

Duvido que tenham tantos leitores quanto teve “o anjo tonto”!

Os anjos da compaixão fazem parte da falange dos anjos do perdão. Esses anjos insufladores de ambas as virtudes são parentes próximos. São admirados demais porque elas são difíceis de praticar. Por exemplo, quem é capaz de se pôr no lugar de um estuprador e ter compaixão e perdoar se a vítima for uma filha? Os anjos passam muito trabalho até pôr uma delas no peito dos viventes. Savater, em seu livro *Ética para meu filho*, cita o imperador Marco Aurélio. Apresenta-o como filósofo, coisa rara em quem detém grandes poderes. Para conciliar as duas funções escrevia para si mesmo, a fim de não se equivocar: hoje, ao se levantar, pense que ao longo do dia irá encontrar-se com algum mentiroso, com algum ladrão, algum adúltero, com algum assassino. Lembre-se de que deverá tratá-los como homens, pois são humanos quanto você e, portanto, são-lhe tão imprescindíveis quanto a mandíbula inferior para a superior.

Não sei o quanto cumpria seus próprios escritos. Sei que pensava como filósofo, pois o seu escrito tem lógica. Ele, em princípio, não se percebia melhor que qualquer um dos pecadores. Pôr-se no lugar deles até que não é difícil, imaginar-se como tratá-los também não; mas quanto custaria conceder perdão se o ladrão houvesse invadido a casa de Marco Aurélio?; se o adúltero fosse transar com sua esposa? Se o assassino fosse o assassino de seu amigo?; se o mentiroso traísse seus conchavos políticos? Daí se avalia que a compaixão facilita o perdão, mas pode ser um passo difícil. É claro, os anjos da justiça não se fixam somente nas lições da compaixão e do perdão. Então, presume-se que perdoar não é esquecer e passar a mão na cabeça do ofensor. É apenas compreender que tais pecados podem



nos pertencer e que perdoar significa não guardar o inimigo no coração. Ter compaixão não é se penalizar de alguém, mas estar com o outro se sentindo solidário em tudo que o assiste. É dar a cada um o que é seu e, em muitos casos, exigindo reparação. É um pouco difícil de entender, muito mais de explicar tais virtudes, e mais complicado ainda praticá-las. Haverá um aviso sobre a próxima reunião dos anjos da compaixão, do perdão e da justiça a ver como estabelecem consensos sobre essas virtudes e a forma de exercê-las. Eles, que estão mais próximos de Deus, poderão esclarecer.



A imortalidade

Um cachorrinho branco foi atropelado. Vislumbrei a rapidez da morte no pequeno animal: o bichinho acentuava a finitude que se sobrepõe às criaturas. Mal nascem, como um sopro de bambu, e desaparecem, como diz Augusto Frederico Schmidt:

“Quando eu morrer a humanidade continuará a mesma.

Porque nada sou, nada conto e nada tenho.

Porque sou um grão de poeira perdido no infinito.

Sinto, porém, agora, que o mundo sou eu mesmo

E que a sombra descerá por sobre o universo vazio de mim

Quando eu morrer...”

Tudo, então, evapora-se ou desmancha-se no ar. Mas um pequeno consolo existe porque a vida resiste, perdurada nos gestos e nas palavras ditas. Os netos e os amigos assumirão os pequenos fragmentos que poderão fazer de nós subsistentes seres que andam de mãos dadas na alma de quem fica. E lá se vão os passageiros concedendo a outros as múrmuras vozes. E se dissermos palavras e se persistirem marcas na virtude alheia, então poderemos dizer que somos imortais. Assim amigos e netos levarão adiante nossa alma e a procissão continuará o seu caminho. Também os cuscos se livrarão da morte, porque lembrados, passarão adiante.

O JOÃO-DE-BARRO

Ele dizia sua presença, mal a aurora se debruçava sobre as casas. Tão simples em suas cores e, ao mesmo tempo, tão pertinente às coisas sagradas. Me pus a rezar antes de o sol nascer. Via nele um sinal divino, como via Sara um sinal de Deus nas conversas dos anjos. Aos poucos fui vendo o milagre. Não anunciava um menino nem um Deus no ventre de minha amada. Mas aí estava ele insistente e manso como um anjo. Já poderia tocá-lo em suas asas de seda e caminhava ao meu lado, sem medo algum. Ficou para trás. Logo a seguir voou junto à paineira da vizinha. Cantou solene o seu canto. Rezei mais uma vez e me acercou a seguinte idéia: se novamente o Espírito descesse dos céus, entre línguas de fogo, e, se sobrassem inspirações para construção da humanidade, quem é que o acompanharia? Não mais seria uma pomba branca, tendo um cocô cheio de doenças. Viria junto um João-de-Barro, igualzinho a esse, trazendo a justa medida como a de suas cores. Traria, junto de seu canto, a alegria para as casas. A sabedoria seria posta nas asas que fazem erguer o animalzinho, concedendo ao homem um sentido. Depois fui trabalhar e, naquela manhã, por virtude do Espírito Santo, auxiliado pelo animalzinho, tornei meu dia mais justo, mais bem pensado e mais bonito. Tornou-se fácil rezar: vinde, Espírito Santo, enchei os corações de vossos fiéis na graça serena do João-de-Barro, e acendei neles o fogo de vosso amor. Enviai vosso espírito e tudo será criado. E renovai a face da terra na mansidão, a exemplo desse pássaro marrom.

CONVERSAS DE MANHÃ

Eu vi um anjo sentado junto a uma cachorrinha. Conversava amavelmente comigo como se eu fosse o próprio Deus. O silêncio era bom entre as pausas. Havia um envolvente amor sobre nossas cabeças. Não pretendia, nesses momentos, mais que amar. Fui expondo minhas pequenas preocupações, próprias de uma casa de pouca gente. Não dava atenção às notícias maiores, nem às perversidades invasoras desse mundo. Queria somente sentir uma simples conversa. Conversa com um anjo, também preocupado com pequenas cadelas, com água, com batatas, leite e pão. Não tinha, por divisa, guerras sangrentas, nem a visita de Bush. Queria ver meu anjo sentado como se fosse minha filha. Queria que levasse minhas preocupações cotidianas aos pés do Senhor. Não queria agora a salvação do mundo; queria que salvasse os gestos pequenos de amor e o feijão. Queria apenas o que Drummond, em certo momento, desejava:

Não o morto nem o eterno ou o divino

Apenas o vivo, o pequenino, calado, indiferente

E solitário vivo.

Ah!, sim, ia esquecendo de outros detalhes do anjo que estava sentado junto a uma cadelinha. Dava pequenos pedaços de banana ao animalzinho. Perguntei-lhe se, no céu, as coisas materiais eram dignas de consideração. Disse-me: são as principais. Pensei que ele

pudesse ser uma invenção de minha imaginação. Alterquei: não dá para entender. O Senhor criou os céus e a terra com todos seus turbilhões de leis fracas e fortes e agora vai se ocupar de simples detalhes? Com um movimento de cabeça confirmou a prevalência dos detalhes sobre os exércitos de leis. Fortaleceu-se em mim a ciência final de todas as coisas. De pouco adianta o sucesso premente e auspicioso, vale tanto quanto uma cadelinha e uma simples conversa no café da manhã entrecortada de sorvos. Descobri, também, que as cadelinhas têm em Deus seu valor.



OS CUIDADORES

À medida que a velhice se estende em anos, o sofrimento espreita e a inscrição da morte acelera-se em todo o corpo, exigindo atenção especial. Recai, quase sempre, sobre as mulheres a responsabilidade do cuidado. Desvelam-se, diuturnamente, para que os seus tenham pelo que agradecer e, ao partir, tenham saudades de suas casas. Não são anjos que cuidam, mas algumas delas estão assim, tão amáveis, a ponto de entregar sua própria saúde para que os dias e a morte sejam mais suaves. Me faz lembrar de antigos costumes. Alguns escravos e familiares mais íntimos entregavam-se à morte para acompanhar, em outras paragens, aqueles que partiam. Por conhecerem os seus, não teriam medo da escuridão e do mistério assombroso. As perplexidades seriam divididas. Semelhantes aos escravos e aos familiares de amável companhia são os cuidadores. Entregam-se com divinas intenções, uma vez que, se tivessem intenções humanas, preservariam, acima de tudo, sua saúde. Mas, não: despojam-se de suas vidas. Austeros cuidados são concedidos em favor de quem exige alívio no sofrimento físico, ou na debilidade mental. Anjos também podem ser denominados aqueles que cuidam de seus pequenos comércios nas periferias. Limpam as calçadas enquanto aguardam o primeiro cliente. Esperam que algum passante venha lhes socorrer e levar um dos seus produtos. Sofrem tanto mais que as horas passam e ninguém vem reconhecer seu esforço. A compaixão me possui ao olhar as pequenas lojas vazias e eles a olhar com esperança. Enquanto alguns cuidadores de idosos têm, de certo, algum reconhecimento, os cuidadores de seus objetos para pequenos negócios limpam a frente de suas casas sem certeza de nada. É por isso que assoma em mim a certeza de haver anjos que se transubstanciam em seres humanos e se sentam ao lado de

quem sofre ou de quem limpa a frente de pequenas casas. Mas, sem dúvida, terríveis demônios cercam as camas e as calçadas, pois onde residem anjos, os diabos costumam marcar presença.



Os VERDES

Não há como compreender todos os verdes sem intrigar-se. Qual a razão de tanta exuberância dos verdes escuros e claros e de suas combinações com todas as cores? O verdemarrom das primaveras e o verdeamarelo dos outonos, o verde-escuro das árvores dos vales e aqueles das mesmas árvores, revelando galhos mortos com a tristeza do verde a morrer. Um fazedor de salmos ergueria seu pescoço, deixando uma voz cheia de assombros ressoar dentro da nave. Se Jerusalém, com sua austeridade, conhecesse o tumulto de cores dos vales do Fão, por certo, não provocaria tanto ódio, nem deixaria que matassem o seu Deus ou criassem outro tão violento. Mais mansos seriam seus costumes e mais suaves os seus gestos. Não arrancariam a pele de um profeta com açoites. Por razões da ternura do olhar, os anjos seriam em maiores bandos e os demônios deixariam os porcos em paz. Não me equivoco sobre os caminhos da natureza: sobre eles espreitam os demônios das calcinações e das cinzas. Olham os verdes, tendo em suas ausências o maior desejo. E, quando chega a noite, conspiram nos desertos a favor da soberba humana na qual preside a calcinação das árvores mortas. Os anjos criadores lutam: que os pequenos rios possam murmurar para os verdes das árvores altas sem o susto dos machados. Essas coisas são ditas sobre os verdes do Fão, vendo os anjos do Senhor cobrindo o alto das montanhas do verde necessário. Nas escarpas pendem os fios compridos das trepadeiras, diminuindo a austeridade das pedras. Os verdes são tantos que vista alguma pode descrever da bondade ao ver as ondas verdejantes das palmas, dos ipês, dos cedros e os verdores das saias das matas. A intimidade do verde tem seu pudor, mas aí no Fão se mostra toda, sem a mínima vergonha.

O SABER SOLITÁRIO É PERIGOSO

Quando florescem as begônias nas janelas : mais um motivo para ser feliz. Mas a ecofilia, amor ambiental, pouco importa aos estudiosos do comportamento. Geram-se milhares de livros para explicar a urgência do pensamento lógico. O sonho de Aristóteles, no lidar das essências, não se lhe dava estudos de ambientes e sua contribuição para a felicidade. Perscrutei, com insistência e atenção, a ver se encontraria a sua constituição. Não descobri muito, mas o suficiente para saber o quanto a ciência, solitária, tem a contribuir para o bem-estar da criatura humana: vide Hiroshima. Até a maldade pode estar mais atilada com o ágil pensamento. Essa função superior, com todo seu poder, pouco pode cooperar para a grandeza humana sem a virtude da bondade e da beleza. Ficamos sem ternura e sem encantos. Os demônios riam sobre os fornos de Auschwitz e Dachau, provando-se a relatividade do pensamento. Fumavam do cachimbo enorme das chaminés e mesmo eles poderiam se assombrar com a vilania dos professores de química e física, com suas maquinações mortais. As lágrimas dos judeus e das crianças mortas evaporavam-se na precipitação dos gases. A história da infâmia universal está repleta de gente competente e frequentadora dos melhores bancos escolares. Acreditei em Jesus como jamais havia acreditado. Acreditei em Sócrates quando pede para examinar com atenção a vida. Ó, bendito Santo Agostinho, socorrei-me, pois que dizeis que somente o que tem origem no amor pode superar a frustração e dar o gosto às virtudes. Me devotarei, também, ao embelezamento dos lugares, para que não me tenham mais as calcinações de Nagasaki.

DOS PELEADORES

Borges escreve alguns contos nos quais seus protagonistas brigam com facas reluzentes e afiadas, até morrer. Há o prazer de pelear por pelear! Neles se impregnam diversas facetas humanas, desde a qualidade da expressão, fazendo o leitor sentir-se satisfeito em ler sobre a morte dos contendores. Há beleza no movimento das facas e nos sentimentos másculos que presidem a alma dos lutadores. E a morte deles não é percebida como um momento de preocupação. Há um prazer angelical nos lances dos braços e, possivelmente, no espírito do leitor. Mais uma vez se revela que os anjos nem sempre se distinguem dos diabos. Se a terra é lugar para se morrer de velhice, nos gaúchos de Borges mais parece lugar de mortes precoces em brigas cortantes.

Encontrava-me com Cezar Augusto, exímio apreciador das artes. Ouvia de suas palavras o prazer do desafio de um projeto que poderia redundar em fracasso. Estudávamos os movimentos para evitar o sofrimento de um esforço que resultasse em frustração. Havia o diabo da angústia a invadir-nos, mais em mim que nele. Conteí-lhe, rindo, que, se nada resultasse do esforço, ao menos, teríamos o prazer de pelear. Pareceu-me haver uma necessidade de brandir os braços contra a vergonha de uma instituição em despedir seus velhos sem muito cuidado. Acho que, nesse caso, a peleia, com seus movimentos constantes e pensados, tem pouco a ver com os rápidos movimentos de quem mata. Assim perscruto os interesses de Cezar Augusto e os meus. Por enquanto mais valeram os passos da peleia. Seus resultados são tímidos. Tenho vergonha em dizer: a mudança generosa custa vencer.



EM CASAS PEQUENAS

É ali que o corpo treme de prazer com mais facilidade. A fidelidade se controla por todos os lados. Deus é urgência na conjugalidade. A divindade não se trai: assim inspiram os anjos comandantes da ternura dentro das casas pequenas. Falo de onde se ouve o sino e a voz do pregador. Aí Deus fala mais alto que o apetite humano e nele também. As luas e os sóis são luas e sóis, e o matrimônio é matrimônio: sagrados corações de José e Maria fazem parte do compromisso, e nada é rompido com humanas indagações, pesados poderes ou sentimentos volúveis. Nas grandes mansões, Deus e o amor são postos em constante dúvida pelas prementes necessidades do poder, no domínio da fábrica, no comércio ou nas grandes produções do campo. O prazer tem sua soberania. Menos amores residem nas casas dos grandes intelectuais, atormentados pelo processo da interrogação e da dúvida sobre todas as coisas. Nas casas pequenas, os corpos não se subjugam às instâncias irrequietas das coisas e das perguntas. Os corações esgotam os recursos na simplicidade. As crianças não frequentam os átrios vazios da existência. Nas pequenas casas da mata e do campo flui a natureza mediada pelas exigências das cortes celestes. Não tem lero-lero humano que venha pôr dúvidas na consagração de um homem e de uma mulher, custe o que custar. Mas... já não foi dito: onde andam anjos, os diabos também se soltam? O coração humano é ambivalente, pouco importa o tamanho dos espaços. De todo jeito... a simplicidade de um lugar faz bem.



Divisão das águas

Na piscina do edifício La Fontaine, POA, pairavam espíritos diferentes sobre as águas e em seu entorno. Crianças mergulhavam e seus corpos molhados sentiam a ternura da umidade. As gotículas escorriam sobre suas costas e o sol batia sobre as pequenas espáduas. Riam nas conversas da vida sem excêntricas razões. Junto às águas mornas do verão de janeiro de 2007, sob os apartamentos, uma velha senhora, em cadeira de rodas, olhava a cena. Seus olhos frequentavam outras intenções, e seu rosto inexpressivo juntava lembranças antigas. Seus pés estavam, mais que inertes, cansados. A filha de sessenta anos, pela semelhança e impressão de traços, cuidava-a. Olhava sua mãe com desvelo obrigatório. Disponha o seu tempo sobre as incertezas que lhe trazia o cuidado. Por certo, avolumavam-se as interrogações sobre seu destino. A indiferença jazia dentro de seus olhos. Por momentos descansavam seus demônios irrequietos. As crianças soltavam seus gritos alegres. O guarda vigiava para que pudessem cumprir em paz cada qual o seu tempo. Desejei apenas que a angústia não acozasse as idades das duas velhas senhoras, cada qual com sua idade. Pedi de coração que a cuidadora tivesse recebido suficiente ternura da velha mãe. Que seu fardo não a levasse a jogar a mãe na água das crianças. É bem aí, no meio da bondade, que os demônios da impaciência e da irritação costumam pelejar com os anjos e, na medida do tempo, infiltram a intemperança a ponto de as filhas confessarem não haver mais sentimento filial. O diabo dos extenuados é impiedoso.



OS DESBOCADOS

Conheço algumas pessoas, e uma delas sou eu, as quais possuem tentações de dizer palavras inconvenientes. Pessoas desse jeito possuem o azar de ver bolas quicando na frente da área, provocando a chutar diante do gol escancarado. São pequenos demônios ágeis, carregados de perversas associações que vão sendo distribuídas aos incautos. Assistia a um casamento de primeira linhagem. Fotógrafos de toda espécie, de todos os periódicos e revistas de moda tiravam fotos, embevecidos pelo momento. As damas de companhia, finalmente vestidas. Todas de estilo igual, modificadas apenas as formas de proteger os seios e os ombros. Diziam aqueles que estavam por dentro da moda: assim eram os costumes americanos. Brasileiro nenhum podia dizer que era falta de criatividade e originalidade. Os pequenos demônios apareceram. Eis que chega a vítima do pequeno diabo e fala: tudo igual; compraram todas do mesmo fardo? Silêncio mortal. Tentou corrigir e foi fatal: ficou mais em conta, com certeza! Tá certo! O mico virou orangotango. Os demônios interiores. Naquela noite riam todos os demônios, quando mais um aventurou abrir sua preciosa boca: muito simples tudo, parece casamento de pobre, apenas mais sério! Lembrei-me do velho caboclo que esticou a noite longa para ver a rainha da Inglaterra tomar seu café da manhã. Suspendeu sua emoção ao vê-la comer manga, o que dava aos montes em seu quintal. Seu comentário foi pouco nobre: eu cá perdendo sono para ver uma rainha comer manga!? Quando essa gente humilde vai entender, enfim, que a manga que cai pode ser repasto real, e a mesma roupa, dignidade e poder? Por isso, creio existirem demônios instigadores de malévolas associações. Foi o que ocorreu ao final do repasto da noite: distribuíram chinelos para acariciar os pés. Comentário do mesmo incauto: a diferença de um casamento

caboclo está em que eles usam chinelos desde o início. Olhos ma-
vos se voltaram contra mim.



O demônio da morte

O caminho das estrelas é longo, curto é o dos homens. Mais curto que um coice de porco. Acabara de falar com meu sobrinho emprestado, que perdeu um amigo e sua avó, de uma só vez. Diz minha sobrinha: Deus pegou pesado. Nada disso: é o demônio da melancolia que ama perturbar quem gosta de tomar seu café, tomar sua cerveja, cuidar dos seus e amar os amigos. Os anjos podem alguma coisa e tem-se a crença de que os anjos velam sobre a vida, mas dormem quando se apaga. Falou o descrente sobrinho: se fosse criador, tomaria para mim a vida humana e a tornaria melhor e com menores sofrimentos. Afinal, depois de tudo se arranjar, vem o cão faminto e não há anjo, por mais que cuide. Não consegue reter as demandas da escuridão e da ausência. É o demônio que fez a velha senhora e o rapaz silenciarem. E veio o genro dizer que a senhora estava linda depositada entre flores. Ri indelicadamente, pois pensei que poderia ser uma rainha da Terceira Idade e, que de tão linda, estava erótica. Vai achar a morte linda na pqp. Por mais que se pergunte aos dois, nada respondem. Quando encontrar o espírito destruidor, ficarei quieto e nada direi para que não sinta o seu poder sobre mim. Porém, se acaso, segundos depois, entrever alguma luz, vou dizer que os santos tinham razão e que são dignos de serem sempre ouvidos. Mas por que se esforçam tanto para ter a vida, se é tão bela após a morte?

FUGINDO DO INFERNO

Saudades eu tenho da minha infância, ainda que acreditas-se piamente no inferno, mais que no próprio céu. De cem em cem anos virão pequenos pássaros bicar grandes montanhas. Quando elas tiverem desaparecido, então, começará a eternidade. E já antes das montanhas serão separados aqueles que se reunirão nos infernos ou nos céus. Os demônios dos infernos apreciavam gente desobediente, agressiva e, acima de tudo, teimosa. Por uma razão ou outra, não haverá salvação para elas. Diziam serem meus defeitos de menino: desobediente, raivoso e teimoso. A alma era semelhante ao pensamento, pairando acima da morte. Queimaria como palha em meus pecados. Os demônios da impiedade debruçavam-se, então, sobre mim, e minha mãe vinha ver meu desconsolo, em lágrimas. Era desse jeito que me era dito sobre a justiça divina.

Hoje me incomoda essa imortal mentira, pois descubro em Homero, Platão e na Eneida de Virgílio tais entendimentos. A minha vida sofreu o pior dos clássicos e o pior da santa madre Igreja. Ainda tenho compaixão de mim, pois chorava e minha mãe a querer saber a razão de minhas lágrimas. Não dizia nada pelo temor de ela desconfiar de meus pecados. Pecadinhos sem graça. Mas os anjos do Senhor vieram em meu socorro. Fervendo a soja para os porcos, olhava o fogo que crepitava. Meus anjos protetores, amigos íntimos do Senhor, proporcionaram-me a melhor inspiração. Pus meus pensamentos invisíveis, minhas ideias, todas parcas, todinhas, entre as chamas azuis amarelas e vermelhas e nada sofria. Percebi, com clarividência divina, que diferentes são as formas da matéria e do espírito: fogo nenhum há de queimar ou destruir minha pobre alma. Naquele dia até pensei mal do meu pai, que me iludira, até en-

tão, com sua cultura grega, romana e cristã. Aí no fogo, descobri que Deus não se magoaria comigo a ponto de me queimar na Geena, ainda que fosse cabeçudo, desobediente e raivoso. Benditos porcos e meu trabalho de piá, me livraram do inferno.



Já não se sabe como identificá-los

As contradições humanas são tantas e tão evidentes que, por vezes, não se sabe quando são demônios ou, quando anjos. Na marcha fúnebre de Mahler há muita melancolia, por outro lado, é tão expressiva que não se distingue, por sua beleza, se lhe habitam anjos ou demônios. O som fúnebre e a cadência vagarosa revelam que algo se extingue. Todavia, nessa vibração, distinguem-se, certas sonoridades ternas e puras, deixando a marcha menos melancólica. A tristeza das perdas, igualmente, pode inspirar anjos para que se renove o estoque da ternura. Também a saudade dos filhos que saem de casa revela a esperança de dias melhores. Enquanto o dominador chora porque seus súditos lhe dizem que ele é dispensável, contrariamente à sua dor, vibram seus dominados. Também as corruínas crescem com a morte de inofensivos vermes. Amo este último tanto quanto aquele que morreu. Se a Judas veio-lhe a inspiração de entregar, tão nobre foi sua missão quanto aquela que nos trouxe a salvação, pela qual ainda espero ardentemente. Assim se comprova que as diferenças têm sua semelhante importância. O que seria do perdão se não houvesse a ofensa. E, mesmo, a uma grande falta cabe um grande perdão.

OS DEMÔNIOS DOS EXTREMOS

Zacchias, médico cuidador de Inocêncio X, tinha uma certeza: é absoluta a proximidade entre a melancolia e o demônio. A acídia, estado de torpor e indolência, a inapetência pelas orações e pela água benta indicavam a presença indiscutível do demônio. Tem-se alguma referência em Cordás sobre um papa que começou a manifestar tais reações. Assustaram-se todos, em razão da infalibilidade papal, pois como dar crédito a um papa em tal estado? Ocultam-se as informações de como o demônio se afastou ou de como o papa foi afastado. Os sentimentos, durante a triste polaridade, vão matando à mingua. Quando isso acontece a vida flui sem destino; a memória não guarda mais o quer que seja; a vontade fica à deriva e a alma perde a alegria: a virtude da boa companhia e do bom humor. O anjos surgem somente às custas de um exorcismo realizado rigorosamente em boas companhias e em ações comunicativas. É o momento das grandes peleias, quando as lâminas dos demônios tentam cortar as asas dos anjos. Têm-se notícias sobre demônios da melancolia que se afastam e sentam-se sobre as pedras dos caminhos, preparando novas ciladas. Mais: quando, não se sabe de onde, sobrevêm os da exacerbada euforia, a vítima sai por aí, dizendo de suas grandezas, gastando o que só suas alucinações dizem possuir. O meio-termo, próprio das pessoas tranquilas, fica roto. E acreditar que são as micro-substâncias que jogam o ser, de um lado para outro, sem a medida, sem as devidas proporções. Os demônios dos excessos fazem crer que a vítima age com acerto, dizendo: os outros são pobres mortais. Por mais que se diga “que lástima”, o certo é que por esses tempos da grande euforia os seres podem avançar suas fronteiras, alçando voos altos, vendo o que ninguém consegue ver, sentir e querer. Todavia, ai de quem sobra para pagar a conta.



UM PEQUENO VELHO ENTERRANDO SUA AMADA

Dia 31 de janeiro de 2007. Por mais que queira afastar o inevitável demônio da morte, ele se impõe soberano. No entanto, pode produzir certas ternuras, ainda que tristes. Eu vi um pequeno Lúcifer em frente ao féretro de uma velhinha que mal cabia na vida, e não havia surpresa em sua morte. Esse pequeno demônio era carregado de ternura: eu vi. Diria até que os anjos promoveriam um convênio com o espírito das maiores distâncias, o provocador das ausências. O diabinho estava triste como uma rosa murcha. Podia até se afirmar que aí estava uma açucena dos vales, e a cena competia com árvores altas e o frescor das fontes: havia uma sobrança ternura. O velhinho mal pronunciava seus passos, e o pequeno carro ia vagarosamente com a velha amada. Surpreendia a fragilidade ambulante e lentificada. A bengala sustentava-o na esperança de ficar em pé. Afirmava que estava tão próximo da morte quanto sua companheira. Uma serena distância ia-lhe nos olhos. O velho estava estóico, submisso à imperiosa natureza. Por certo, se acaso a morte lhe sobreviesse, estaria satisfeito, pois que não sofreria: aquela parte sua, a melhor, fora recolhida. Um anjo soprava em mim tais pensamentos a ponto de me agradar docemente o pequeno Lúcifer que precedia ao quase invisível féretro. Acredito que esse demônio será erguido ao céu, uma vez que cumpria de forma digna o seu papel.



DESUMANIDADE

Por falar em cuidado, quem diria que anjos e demônios disputam terreno em tão luminosa virtude. Eis o que aconteceu numa pequena cidade onde todos espreitam uns aos outros: Antônia, a mais fervorosa e piedosa, já que ambos os termos não são redundantes, decidiu voluntariamente cuidar de um velho tio, do qual, por graças de um veredicto judicial, ficou decidido que sua família cuidaria. O velho, por razões de sua demência, já não podia tomar conta de si mesmo. Ressalta-se, ainda, para elogio da decisão judicial, que, nem ao menos, o velho tio havia sido um homem justo e bom. Fora irresponsável enquanto em juízo perfeito e insuportável agora que não sabia que era. A angelical sobrinha, acompanhada de dois anjos chamados de Ternura e Filia, encheu-se de boa vontade. Diante de Deus, manifestou sua fé, dizendo que teria todo o cuidado em razão da infinita bondade divina, da qual estava tão bem possuída. Jamais alguém poderia avaliar que também os demônios estavam presentes em sua fé e decisão. Tinham suas demoníacas certezas, com a história a seu lado. Em toda grande virtude e completa magnificência habitam perversas possibilidades. Engendraram, então, os demônios do cansaço, da mesmice e da impaciência, ações correspondentes aos seus ofícios. Diziam-lhe com clamor, todos os dias, que um tio doido, irresponsável e desconhecido era um fardo demasiado pesado. Não bastassem suas ideias, os parentes inconveniências, pondo dúvidas sobre o cuidado e a cuidadora. Ninguém do poder judicial ou do executivo se intimou para ajudar Antônia. A pobre comunicação e a falta de reconhecimento converteram-se num sentimento de profunda depressão. Diabos ainda mais perversos vieram habitar seu coração. Pensou e desejou: “a morte seria preferível ao estado de coisas no qual fui envolvida”. Assim aconteceu. E todos os parentes



perguntavam-se uns aos outros: como conseguiu, uma santa como Antônia, pensar em fazer tamanho mal a si mesma? Mal sabiam o quanto pesava cuidar de quem não merecia cuidado e o quanto doía a falta de reconhecimento. Entre murmúrios, amaldiçoavam Antônia por deixá-los sem saber o que fazer com o velho tio.



O DEMÔNIO DA INCONVENIÊNCIA

O que torna uma pessoa dita, popularmente, de chata? Quais variáveis se reúnem para compor um espírito insuportável? Diante dele todos se retiram depois de meia hora de conversa. O oposto do insuportável era Macedônio, o amigo de Borges. Preferia o tom interrogativo, o tom da modesta consulta, à afirmação magistral. Jamais pontificava, sua eloquência era de poucas palavras. Procurava esconder sua inteligência a exibi-la. Quando bêbado do vinho vindo de Mendoza, ficava ainda mais silencioso, preferindo ouvir a emitir qualquer opinião. Todavia, infelizmente, muitos são possuídos pelo demônio da inconveniência quando soltam suas perguntas constantes pra mostrar seu saber, ou quando dissertam incansavelmente sobre o mesmo tema. Talvez, seja esse o demônio mais fácil de ser percebido, pois é só avaliar quando um grupo se desfaz pouco depois de meia hora. Se por acaso torce por um time de futebol, arranja as mais constrangedoras afirmações diante de pessoas de outro time, as quais nem ao menos sabem quem ele é. Ou se acaso o inconveniente homem diz entre amantes da bola: quem gosta de futebol é alienado. Mas, se acaso alguém se achar livre desse demônio, pode incorrer em grave equívoco. Esse demônio é muito sagaz. Aproveita-se de qualquer momento para atacar o mais prudente e o mais agradável ser. Ninguém pode confessar: jamais serei atacado, sou inviolável a tal espírito. Então me pergunto de minha conveniência nas conversas. Paro por aqui antes que alguém desista da leitura...

A IRA DIVINA?

Conforme as escrituras, Jesus ergueu o chicote. Anunciou, de forma irada, o modo de avaliar os lugares sagrados. Quando desaparece o diálogo, surge a força, coisa de poucos elogios. Penso que o Senhor teria argumentos de sobra para provar que a casa de Deus não é lugar de negociações. Os vendilhões ficaram impressionados com o tamanho do poder vertido de seu braço. Não sei o que foi feito de Jesus naquele dia. Seu sono divino não fora dos melhores, ou sua mente estaria ofuscada? Tem dias assim mesmo. Nada flui, como se a palavra estivesse presa a um estado de profunda irritação. As Escrituras não revelam as palavras que acompanharam a raiva divina, mas não é muito difícil compreender o que fora dito, pois ninguém ergue um chicote de boca calada. Se assim se pode traduzir a ira do Senhor, que tinha tudo para firmar melhores elementos de convicção a respeito do sagrado território, o que se pode pensar dos vis mortais que carregam um corpo tão primitivo e uma alma tão incerta? De outra parte, revela-se, na ira do Senhor, o desespero humano, quando um belo lugar transforma-se em espaço trivial com animais presos, com vegetais murchos e com moedas misturadas aos gritos dos vendedores. O silêncio profundo do templo e suas colunas erguidas, apontando para a infinitude, davam lugar a lutas primitivas. E isso tudo junto à urna sagrada que selava a vontade de Deus em melhorar a raça humana. Perdoa-se, assim, ao filho do Homem por ter sido invadido por um demônio do desespero ao ver tamanha vergonha. Convém ter compaixão diante da divina ira, não sem apontar para a dificuldade humana em mostrar uma convincente comunicação. Ainda sobra a dúvida: não seria a ira do evangelista em dizer seu desentendimento em relação à tradição, tomando o braço divino como desculpa?



EM ISRAEL COMO AQUI

Naqueles tempos, abateu-se sobre Israel grande sofrimento. Os pais já não geravam filhos, e o espírito do mal engendrou que cada um tivesse cuidado de si mesmo. As filhas, por razões boas e más, já não cuidavam tão bem de seus pais e avós. Buscava-se, nos templos, uma solução para o abandono dos velhos, que já não tinham em suas casas o devido aconchego. Diziam os profetas pequenos: Javé lançará seu ódio sobre seus filhos e filhas, pois já não sabem mais em que parte do mundo foi morar o respeito dos antigos filhos de Israel.

Outro interlocutor, de menor competência verbal, dizia: “pera aí, não é bem isso que acontece. Os velhos ficam solitários por causa do trabalho dos poucos filhos que sustentam suas casas. Muitos velhos não têm laços de família porque nunca tiveram ou se romperam. Por isso ficam como barco sem pescador. Tem velho que fala língua estranha, pois que o maligno turva-lhes o espírito, pedindo gente especial para os cuidados. Certa bruma obscurece a luz da mente.

Por não haver mais nem filho nem filha, ou por não existirem mais anjos de boa vontade, houve a criação de casas de passagem. Passagem da vida para a morte. Muitos se esforçavam para que a passagem fosse boa. Quis Deus que assim se fizesse para consolo de Seus filhos encanecidos. Surgiram os sábios de Israel, explicando os melhores caminhos e formas de atender os últimos acontecimentos. Apelos foram feitos para outros sábios, e os sábios se repetiam de forma redundante. Todos sabiam o que fazer para os velhos estarem bem nessas casas do abandono ou do esquecimento. Os denários



eram raros, e, poucos se prontificavam a cuidar dos velhos judeus por tão pouco. Dessa maneira, os demônios rondavam solenes as casas, pois o trabalho de pouca remuneração fazia com que o mau cuidado ferisse a velhice dos hebreus.

O Senhor Deus já não é mais servido com tais comportamentos. Não são obedecidos seus mandamentos. Falava assim um profeta desdentado, e quem há de ouvir a quem fala entre sibilos? E ria-se o governo de Roma diante de tantas dificuldades. Os velhos não eram seus. E se fossem pobres, tanto daria, que morressem de qualquer jeito. Assim lá como aqui: os velhos que lá esperneavam, esperneiam como aqui. Os espaços públicos na atendiam lá como não atendem cá. Vi, porém, dia 9/8/14, na casa de Nossa Senhora da Luz uma luzinha se acendendo na vasta solidão. Lá os profetas são ouvidos.



Dos sonhos bons e maus

Hipócrates analisava sonhos e deles retirava o que os mensageiros divinos diziam aos seus sonhadores. Analisava, também, conforme a ciência psicanalítica. Vejam, então, o sonhos do Mullah vindos das colinas do Afeganistão. Sua autoridade merecia um sonho melhor, mas ninguém sabe o que está reservado aos seres humanos. Para comprovar a perplexidade diante dos acontecimentos humanos, Dostoievski descreve o velório de um santo monge. Morreu em odor de santidade, mas ninguém suportava seu cheiro poucas horas após a morte. Por sua vez, o nosso Mullah sonhou com cães negros e perversos que o perseguiam incansavelmente. Abutres circulavam em torno de sua caminhada. Peixes putrefatos estavam nos lagos por cujas margens ele corria desesperado. Consultou um Aiatoláh. O mediador de Allá chorou ao dizer-lhe que os anjos maus prenunciavam um desastre sobre sua vida. O pobre Mullah chorou durante dois dias, imaginando que, brevemente, sua sorte seria outra. Encheu-se de boa vontade e prometeu que a metade de seus bens seria destinada a obras de trabalhos de uma sociedade. Nada queria para si, o que mais uma vez se comprova: a humanidade é imprevisível. Foi constante na fé e prostrou-se obediente nas direções da Meca, mesmo que estivesse em dúvida, quando em terras distantes, para qual direção deveria volver seu corpo. Cumpria o que lhe dizia a memória a respeito da tradição. E nenhuma de suas mulheres podia dizer ter recebido um tratamento desigual. Por aqueles dias sobreveio-lhe outro sonho, com outra revelação. Estava aos pés das colinas brandas e verdes. Nem cães, nem abutres ou peixes putrefatos povoariam mais sua vida. Passado alguns anos, comprovando-se que o amor tem seu tempo, Allá abençoou sua fortuna. O Senhor agradeceu-se dele porque teve coragem de mudar seu

destino. Daquele dia em diante, o Aiatoláh consultava-o para saber como evitar os anjos maus. Mandava, então, que tivessem fidelidade constante a quem amassem. E Aiatoláh apontava para Mulah como o melhor testemunho da Verdade, da Bondade e da Fé para alegria do povo afegão. Os dois diziam: a força do maligno é pouca quando se ocupam o corpo e a mente com hábitos de bondade.



Sem a nitidez de outrora

A infância, às vezes, retorna soberba. Isso se vê de um velho senhor que sonhava. Havia um menino nascido no interior de casa pequena e de amores pequenos, mas tão imensos como o mar, ou como os ninhos dos pássaros. Rompeu-os dolorosamente em razão de buscar coisas mais altas do que lhe era oferecido na pequena casa. Três dias de lágrimas foram poucos para dizer o quanto dói um lugar rompido dentro de uma criança. Aos sessenta anos ainda sonhava como se espíritos o levassem para dentro da antiga e enorme casa do internato para onde foi estudar. O corredor escuro: os mesmos cheiros e a mesma dor, um medo estranho. Parte antiga de si cinzelando o instante. Logo adiante a escada e as paredes brancas: o branco misterioso, posto nas paredes sufocantes e o Sagrado Coração de Jesus no alto da escada. Penetrante é a vida da infância: chão que sempre povoamos. E lá se vai o sonhador entre as paredes, procura o impossível e percebe o indecifrável. A vida do menino desvela-se nesse corpo antigo que agora dorme. E ficam indefinidos os anjos nas lembranças e os apagados demônios. Sonha ainda com a procissão de imagens que ainda habitam a pequena casa antiga, e no peito, em plenitude. Mas foi no seminário e com o Sagrado Coração que o sonhador aprendeu a ser, ainda que seus sonhos não lhe fossem mais brandos.

De que lado está o diabo?

Quando se é jovem, a leitura de Moby Dick traz determinados entendimentos e sentimentos; passados alguns anos, expressam-se outros, completamente divergentes. Quando li pela primeira vez, a Baleia era um monstro a ser morto; Ahab o herói.

Ponho, agora, outra visão na caçada. O matador de baleias, capitão Ahab, estava enfurecido vendo a imensidão do mar, sem baleias para caçar. Eis que surge das profundezas, mais que uma baleia, uma montanha branca. Completou-se o furor de Ahab. Inicia-se a perseguição que assusta o mar. Uma caçada irada agita as ondas. Tudo se torna túrgido de ferocidades. A marujada e os arpoadores urram contra a fera: a Baleia Branca. O grande animal ergue-se próximo à proa. Ahab vê a bestialidade em seus olhos negros. Vê neles toda a atrocidade do mundo: os sangues inocentes, as monstruosidades da escravidão, a escuridão da morte, o horror das guerras. Com essa descrição, Melville, o autor, nos dá a ver a grande baleia. Com certeza, assustada e, bem possível, mais assustada pelo furor do capitão. O que é lugar-comum: enfurecido o chefe, todos vociferam. Mais assustadora parece-nos a visão bestial dos arpões ferindo a baleia em sangue. Ahab vê na baleia branca o que seu coração expressa. É o homem a perseguir a si mesmo numa caçada sangrenta: uma perseguição infinita por um mar infinito, no dizer de Borges. É o mesmo cenário dos homens em Dachau ou nas fazendas: os soldados, vendo o ódio nos olhos de judeus indefesos, e os feitores açoitando os negros cansados. Ambos cumpriam sua missão, em seu dever de ódio. Perseguiam destinos ferozes e, assim, continuam a perseguição dos homens, arrancando de si mesmos o que se reflete em baleias e gentes. Nesses tempos de bestial presen-



ça, os anjos perdem completamente a razão. A história e as casas são férteis em tudo que acima foi dito.



Os anjos de dezembro e os demônios da sexta feira

Os pastores comovem-se quando os anjos, batendo suas asas, anunciam o nascimento do Redentor, aquele que ninguém sabe como há de salvar os animais, os homens e as mulheres, acabando toda calamidade. Comove a cena quando ouvem anjos cantando entre o ruflar de suas asas: paz na terra aos homens que cumprem seus justos princípios e são capazes de fazer acontecer em seu cotidiano o que o entendimento bem comungado lhes impõe. Elevada é a cena de um menino entre palhas e ovelhas que fedem em seus pelegos. Um homem e uma mulher mal sabem o que fazer, pois o ódio é capaz de lhes tirar o menino. Entretanto, os anjos guerreiros buscam vencer os demônios. Um deles aparece a José e manda que suba num jumento na direção da Palestina, onde hoje ainda se matam. Contudo, deixemo-nos, por momentos, comover com os anjos. Estendem suas faixas sobre o campo como marqueteiros do bem, mas logo ali, Herodes mata os meninos israelitas e os peitos das mães ficam sem suas crianças, perdendo o leite, sem razão. A barbárie vai de casa em casa, e, por causa daquele menino nascido no campo, as lágrimas encharcam os berços vazios. Se é dito a José de como escapar campo afora até chegar ao Egito, não aparece anjo algum para indicar o caminho aos outros meninos. Os demônios da crueldade sorriem pelo sangue vertido. Anos e anos se passaram e eles retornam com maior veemência. O mesmo menino que veio em nome da paz agora é violentamente assassinado, não ao fio da espada, mas com chibatadas até o sangue se esgotar. Vai em frente esperando sua própria libertação, mas não!!! Os demônios põem em sua boca a pior palavra e a mais triste: meu Pai, meu Pai, por que

me abandonaste!!! O grito reboa Gólgata abaixo e se dispersa por toda parte: Elli, Elli, lama, sabactani!!! Não me furtarei ao dever dito pelos anjos. Ao final, espero ter entendido mal as últimas palavras do afável homem da Palestina.



Os demônios em Passo Fundo

Sinto os demônios e seus heróis nos campos de Passo Fundo e de Palmeira das Missões. Uma faca estendia-se sobre as gargantas. Em 1893 fazia-se uma luta inglória. Se ao menos peleassem pelo prazer de uma luta, mas não; nem por esta razão nem por outra qualquer cortavam-se os pescoços uns dos outros. Brigavam por caudilhos mais que por qualquer outra convicção. Em poucos lugares e por instituições de governadores tão estúpidos foram sangrados, de forma tão vil, tantos homens. Os mandantes divertiam-se nestes campos, enquanto os demônios sorriam. Engulhos metem-se no corpo e na alma. Ainda se me abate o retrato do mulato cortando o pescoço de outro mulato. E me vêm em socorro Sarmiento e Borges, que descrevem o maior mal da estupidez: a fomentada barbárie, a pedagogia do ódio, escrita por Rosas e aqui por outros servidores. Aqui, o sangue covardemente vertido queria impor divisas políticas, que, nem de longe, foram cumpridas. Se, ao menos, lutassem por uma democracia e pela distribuição do bolo fiscal. Se, ao menos, fossem ao campo ver suas facas ligeiras se agredindo. Por trás, covardemente, a faca afundava na carótida. De fato, os demônios são criativos ao escolherem seus lugares e as formas de matar. Agora vou ao mar que o campo, assim posto, me enjoa! Vou fugir dos demônios das péssimas recordações. Agradam-me as províncias, mas assim não. E quem ensinou ao caboclo estar por trás da vítima, deslizando a faca na jugular? Que prazer substituto era aquele? Deslizavam, então, os demônios sobre o sangue. E vejo, com horror, esses malditos episódios em Pulador, representados em teatro aberto.



O demônio e o anjo nos silêncios

Em qualquer tempo da trajetória da vida, mas de modo especial quando se envelhece, a perda de comunicação revela demônios devoradores. Isso foi observado em Ibrahim, o afegão piedoso, fiel discípulo de Maomé. Por certo, haverá algum cristão piedoso, mas, em razão da racionalidade que em tudo se põe no Ocidente, não se encontrará alguém mais alimentado pelas forças celestiais que Ibrahim. Tal idéia me foi dada ao ler Saramago. Diz ele que, em certos momentos, se está mais disponível a sentir as asperezas e branduras da vida. E diz com excelência: nessas ocasiões um pouco de desencanto e cansaço são ingredientes ótimos para a captação mais viva do que nos cerca. Assim foi ao me deparar com Ibrahim, o devoto. Começou a notar que as vistas se enfraqueciam. Os ouvidos melhoravam um pouco pela concha de sua mão. Sua palavra começava um processo silencioso. As palavras que lhe eram devolvidas chegavam como um rumor, provocando-lhe uma mole tristeza, inibindo a continuidade das conversas. Observava, quando solicitava repetição, uma nervosia no interlocutor, afastando-o cada vez mais do próximo, quem quer que fosse. Seu corpo começou a revelar o desgaste da pele. O sol irritava-o. Seu estômago mal absorvia a tâmara e a coalhada. Falou ao Senhor, exasperado pelo abandono: já não tenho meu corpo inteiro e parece até que sou um estrangeiro para mim mesmo. Não reconheço o meu lugar. Pela visão opaca nem meu corpo está mais à minha disposição. Silenciam algumas partes e outras reclamam acintosamente. Ouvindo sua voz interior, reconheceu os demônios que vinham tentá-lo pelo descontentamento. Em sonhos viu anjos voarem silenciosamente sobre o deserto e, por mais ardente que fosse o sol, suas asas resplandeciam, e nada os incomodava graças à presença do Senhor. Confortou-se,

dia seguinte, mesmo que fossem poucas as palavras e pouca a coalhada. Confortou-se seu médico com ele, por ver melhoras no estômago e, pelo ajuste dos óculos, seus olhos não lhe causavam mais tanta irritação. Perguntado sobre sua melhora, respondeu: pois que se os anjos são pacientes com o sol em suas asas, por que Ibrahim não terá paciência em sua velhice? Para melhoria de seu ouvido, pôs uma guampa para ampliar o som do pássaro na tamareira. Dizia, cheio de humor: temo, entretanto, que venham pôr ovos em minhas orelhas.



Os demônios de Morell

Já vai tempo a leitura que realizei sobre A história universal da infâmia, de Borges. Nele, a maldade expressa-se tão cruel, que faz pensar não ser do ser humano o que aí é realizado. De modo especial Morell, com sua particular infâmia, vem sustentar uma hipótese: a carne humana não explica toda torpeza, tampouco a origem social esgota tanta maldade. A história de Morell justifica a hipótese de espíritos maus e, como se verá também, certas condutas de minha infância corroboram com essa ideia. O infame Morell fazia com que alguns negros fugissem para sua prometida liberdade e, a seguir, os prendia, cobrando do senhor o resgate do negro fujão. Assim fez até que morreu tão desgraçadamente como viveu. Refletindo sobre as grandes infâmias em Borges, pensa-se que alguns seres humanos teriam mais crueldade do que teriam imaginários seres do mal. Mas eis que me surge a infância do meu lugar, onde nós, meninos, cometíamos atrocidades de alma limpa, confessando-as de mês em mês ao padre, sem grandes remorsos: judiei dos animais. Com uma dúzia de ave-marias os pecados eram perdoados. Logo a seguir, insensíveis, cometíamos as mesmas agressões. Seguíamos enfiando pequenas e pontudas gramas nos fíofós de libélulas e barbantes com papéis nas patas das gralhas a ver seu vô inconstante. Depois, presas nos altos das árvores, em grande sofrimento para elas e para o bando, gritavam sem nada poder fazer. Escondia-se Morell em cada um, ou que diabo era aquele que nos deixava insensíveis? Sinto, agora, não poder pôr remédio na bundinha das libélulas e nas patas dos pássaros de vô inconstante. Fugiram de nós tais demônios, ou ainda se escondem esperando a próxima oportunidade?

Alegrias dos diabos coxos

Guevara, o escritor, escreveu um livro: O diabo coxo. Na espi-rituosa obra, o demo tinha a mania de levantar telhados e espiar os pecados que ali eram praticados. Não será voyeurismo este ato de olhar as sujeiras dos outros e este meu de olhar a nudez humana em suas perversidades? O autor tirava, a seguir, lições oportunas para os costumes daquela época. Meu lado cristão, apesar dos diabos, tem fé na salvação da humanidade. Que se riam todos os diabos, mas posso ter minhas pretensiosas convicções. Em terras distantes, nas divisas de Rio Grande do Sul e Uruguai, havia um diabo coxo que, também, tinha lá suas grandes alegrias. A primeira, forte causadora de alegria, tinha por razão a injustiça. Que ninguém merece tratamento inglório e desigual. Ria-se o diabo quando alguém divulgava uma íntima dificuldade ou defeito, aquele que seu portador mais queria ocultar. Mais ele ria se fosse um professor que praticasse tal conduta para dominar seus alunos, ou se qualquer autoridade usasse esse recurso para impor sua vontade. Ria-se o demônio quando o amor estivesse rompido e o desvelo dos laços de ternura, transformados em sentimento hostil. Ria-se quando a pobre criatura não fosse capaz de ouvir uma música clássica, julgando-a uma redundante tristeza. Ria-se ele da boa vontade dos brasileiros, acreditando nas falas dos políticos. Ria-se o demo pela falta de fé nos talentos de cada um. Ria pela falta de respeito dos pais em relação ao poder dos filhos. Ria-se ele dos filhos que dizem: não podemos educar nossos pais. Levantando os telhados, o diabo coxo soltava outras gargalhadas. Se o leitor amigo não crê na possibilidade de superar os pecados espiados nesta fábula, está estimulando o diabo a rir.

Anjos e demônios em torno das mesmas pessoas

É um pensamento santo e salutar imaginar que anjos e demônios podem habitar as mesmas pessoas, ao mesmo tempo e nos mesmos lugares. Poucas vezes eles se distanciam. Geralmente disputam os mesmos espaços, criando sofrimentos e alegrias. Cada criatura, então, fica à mercê de oportunidades, ora concedidas pela ciência humana ou pela misericórdia divina, ora pela solidariedade, ora por seu esforço profissional, mas em todas as concessões pode caber o gládio de anjos e demônios. Para comprovação deste pensamento, trago Machado de Assis, que revela, na profissão de um caçador de escravos fujões, a presença dessas forças contrárias. O caçador amava Maria e ambos queriam um filho, mas sustentar um filho requer razoável recurso, o que mais lhes faltava. Por saber de uma escrava fujona, saiu-lhe ao encalço, conforme os ditames de seu ofício. Encontrou-a, grávida. Os esforços da negra para o livramento fizeram perder o negrinho, não sem antes o caçador ouvir fecundas e chorosas implorações. De nada adiantou, pois o caçador levou sua vítima, mesmo que a ouvisse expressar o desejo de ter seu pequeno em liberdade. Mas o que sabe de liberdade um caçador de escravos? Teve seu lucro merecido e seu filho, melhor sorte. Contava-me uma psicóloga, para exemplo desse pensamento conflitante, sobre um setor hospitalar onde crianças padeciam de leucemia. Cabeças raspadas e seus pais junto a elas com seus rostos expressando angústia. Cada qual com seu quinhão de sofrimento e de esperança que era o caminho da vida. Dizia-me ela: via a dor profunda e, ao mesmo tempo, via a alegria depositada na solidariedade de alguém que fosse conceder a força de uma medula compatível com a de sua criança. E, por tais dias com tais experiências, via um casal muito pobre. Ela grávida com papéis na mão. Apreciei que fossem solicita-

ções de saúde, ou de recursos para o bem-estar da criança. Também nisso via um grande conflito. Quanta renúncia para colher um bocado de sonhos em torno da criatura que há de vir?



Diabos de diferentes loucuras

Muitas são as loucuras de Quixote, mas qual delas a maior? Difícil é escolher entre a famosa aventura do barco encantado e esta que se narra agora. Já noite adiantada, Quixote descansava numa venda. Entretanto, o diabo da loucura não escolhe lugares, espregueada e ataca em hora oportuna pensando sempre no maior sucesso. Pedro, um artista de bonecos, fazia sua representação em torno de um rei Marsílio, de uma rainha sem nome, de uma população de gentes comuns, de inimigos e, ainda, de outros dignatários. Todos movimentavam-se com pouca luz e muitos barbantes. A magia da noite, a força da representação e a fraca mente de Quixote fizeram acelerar o delírio no cavaleiro da Triste Figura. Bem a exemplo de jovens que eu vi, em 1987, enterrando o reitor em razão de suas desvairadas ideologias. Não muito diferentes eram os motivos da fúria de Quixote ao se lançar em defesa do rei, temendo os inimigos que se avizinham. De sua loucura sobraram figuras sem cabeça e cavalos partidos ao meio. Passada a euforia defensora do herói, Quixote acabou pagando as figuras, apiedando-se de Pedro. A espada salvadora foi enfiada na bainha e, na noite, voltou o silêncio. Essa loucura debochada de Cervantes, ridicularizando a cavalaria, é ingênua se comparada a outras loucuras sociais, mais ferozes e contundentes. Cervantes acusa a loucura de dispensar os velhos soldados, concedendo que não lutem mais, mas que, sozinhos e aquietados com suas glórias passadas, solitários fiquem sem mais seu soldo. De igual loucura social ficavam os engenhos, alforriando os negros velhos e, então, livres do jugo vil, aonde iriam matar a fome e ter um pouco de dignidade? Vejo professores e outros profissionais que saem de suas instituições de trabalho para saldar a comunicação necessária com silêncios solitários. E outras loucuras, mais temíveis que as



de Quixote, estão sendo insufladas por diabos velhos e novos. Que cada um se cuide, porém, não sei o que fazer com essa loucura de um senador ladrão desculpar seus roubos vendendo grande boiada a um pequeno açougue. Se visse Cervantes faria Quixote invadir o senado com seu Rocinante. Pouco se perderia, rolando as cabeças pelo chão.



Anjos dos lugares

Joshua, filho herdeiro de grande fortuna, vivia negociando entre Cabul e Kandahar. Aumentava assim seus meios e seu capital. Tinha diversas esposas e uma verdadeira paixão por seu time de futebol. Mais que o talento dos jogadores valia o vigor da disputa. Orava na mesquita para que Allá concedesse pés melhores ao seu plantel e que todos os adversários fossem tratados como azaras. Fez promessas de levar os jogadores de seu time em longo passeio em Mazar-i-Sharif para visitar o túmulo de Ali, primo de Maomé. Além disso, receberiam farto prêmio em dinheiro se fossem campeões do Afeganistão. Tinha, então, sonhos nacionais de ganhador. De vitória em vitória foi amalhando esperanças cada vez maiores. No jogo decisivo pareceu-lhe que Allá dormia. O treinador, ao final do jogo, substituiu jogadores, pensando estar fazendo grande coisa. Em pouco mais de dez minutos seu time foi fuzilado por gols sucessivos. Havia um mau humor transformado em desespero. Sua primeira esposa, ao ouvir a notícia da derrota de seu time, sabia que o inferno a esperaria. Antes de Joshua chegar à sua casa, resolveu cobrar de Allá seu cochilo, pois deixara seu time perder para um time quase todo formado de azaras. Ao adentrar na mesquita, sentiu dentro de si uma paz que certos lugares costumam trazer. Uma angelical inspiração veio-lhe incontinenti. Traria para seu peito sua esposa principal, não sentindo desejo algum de derramar sobre ela sua cólera. Ao menos ela não o havia decepcionado. Comprou sedas e sandálias e cobriu-a de satisfação. Por aqueles dias nenhuma afegã foi tão amada. O seu ódio pelo treinador, por obra do profeta, havia, da mesma maneira, se transformado em ternura nunca até então revelada. A esposa perguntava sobre quantos espíritos teriam munido Joshua de tamanha gentileza e ele se perguntava sobre o suave poder dos espaços.



A lua de Saramago

Alguns seres humanos nascem com disposições, parecendo ter convivido no mundo de anjos perfeitos com os quais a alma desvela-se esteticamente. Isso a ponto de se acreditar em seus excessos. Algumas criaturas, com iluminação desmedida, entendem-se com grande missão salvadora, outras vão às artes e, aí, semeiam seus encantos, e outras mais mourejam nas ciências; obtêm resultados maravilhosos, conseguindo compreender e superar, pela inspiração e muito estudo, certas misérias da natureza e da cultura humana. A narrativa certificadora de tais excessos tem por testemunho Saramago, um enfeitado das letras. Já na infância revela-se um ser dotado de visões luminares. E houve também aqueles gloriosos dias em que fui ajuda de pastor, e a noite de permeio, tão gloriosa como os dias... Meus avós tinham decidido, por que a venda dos bácoros havia sido fraca, que o resto das ninhadas seria vendido na feira de Santarém. Começamos a jornada a meio da tarde. Era quase noite fechada quando chegamos à quinta antes de Santarém. Sentia-me cansado. Adormeci como um santo. Acordei quando meu tio me chamou, madrugada alta. Saltei para o chão e vim ao pátio: na minha frente estava uma lua redonda e enorme, branca, entornando leite sobre a noite e a paisagem. Era tudo branco refulgente onde a lua dava. E eu que só tinha doze anos adivinhei que nunca mais viria lua assim. Por isso é que hoje me comovem pouco os luas: tenho uma dentro de mim que nada pode vencer... Saramago continua sua conversa no meio dos anjos e que diabolos!, conclui com extremada sensibilidade, vendo a noite entre as oliveiras: Por causa de tudo isso me veio uma grande vontade de chorar. Prova-se, com isso, que nem todos os anjos são democráticos, pois privilegiam algumas pessoas muito mais que outras. Abrem-se muitos sóis sobre a



terra e muitas luas, entretanto, a maioria fica olhando para esses objetos celestes como se fossem apenas uma brasa morta e outra acesa.



DE UM ANJO CAMPEADOR

Um anjo, sem tirar nem pôr, falou ao educador: a verdade inteira não existe; ninguém, seja quem for, mesmo que pesem grandes esforços, chegará a completá-la. E até o dia em que tenha chegado a hora de servir-se da pá e do enxadão do coveiro, você andarás buscando dela como o faminto que pede um pedaço de pão. Fica claro: é pela mão atenta dos outros que você poderá andar perto dela, mas, jamais, a luz será plena. Sombras e mais sombras apresentam-se sobre as opiniões. As palavras ainda sendo repartidas com o melhor pensar, com a melhor sinceridade e com o melhor jeito, ninguém dá a garantia de um acerto completo. Nem que se aplique o maior diálogo e o mais expedito pensamento, a verdade não aparecerá. E quando você estiver próximo dela com excelentes resultados, surgirão dúvidas: existirá coisa melhor para se pensar ou fazer? Não fique aí pensando em mal-estar pelas incertezas de educar. Não fique pesaroso pela dificuldade de encontrar caminhos. Bem pior será quando puserem você estendido e do jeito que entenderem, e disso se pode rir como chorar, embora se tenha por costume mais chorar que rir. Pense como Sancho Pança: ao deixarmos este mundo para nos enfiarmos terra adentro, tão estreita é a senda do príncipe como a do jornaleiro e não ocupa mais pés de terra o corpo do papa que o do sacristão. Ao entrar no fojo, todos nos ajustamos e encolhemos, ou nos obrigam a apertar-nos e encolher-nos... Eu, como anjo, estou livre de gastar madeiras da mata e lágrima dos outros... Deixe-me rir. Buenas, continuou o anjo, não se aflija, então, agora e fique alegre, porque virá um tempo silencioso e tão quieto que o grilo solitário falará mais alto que você. Tenha tudo por princípio educacional, carpe diem e fique calmo. Pense, também, que os erros de hoje podem ser verdades um dia. Que as verdades que se tem por



certas, boas e bonitas podem ser rejeitadas pelos melhores pensadores. Não tenha muitas filosofias, que estas são redundantes, delas tenha o princípio de pensar ouvindo e tirar uma razoável medida, a qual nunca será categórica. Não se esfole em grandes literaturas, que a virtude se pratica. Campeie! É tudo como as estrelas que se movimentam. Não sabem onde ficarão por mais que andem. Falou desse jeito o anjo pedagógico. Tenham virtudes em torno do saber!



De quais anjos se vão pelas estradas?

A sensibilidade não basta diante de certas paisagens. Há que compreendê-las. Ao compreendê-las, juntam-se todas numa ordem em que se criam muitos sentidos, todos ligados uns aos outros. Assim é com as árvores que se tornaram diversas famílias e com os animais, em outras, cada qual obedecendo as suas disposições, formas e fisiologias, todas próximas como se fossem irmãs. Uma possuindo uma alma vegetativa e outras, sensitiva, emocional e intelectual, de acordo com a subida da vida. Aos poucos, na evolução do tempo, foram se aperfeiçoando as formas das plantas e as dos animais. Em cada qual, cores e sabores foram se depositando, formas longas e amenas e algumas mais soberbas, outras, rústicas. Em tudo preside um parentesco buscando-se a comunicação. Há o anjo continuador que não se satisfaz na permanência de um estado de alma, querendo múltiplas expressões. Os relevos, de igual maneira, dividem-se e reformulam-se a toda hora. Se não os ventos, as chuvas; se não as chuvas, o calor; se não o calor, a pressão; se não a pressão, os raios e o fogo e outros eventos mais delicados que perpassam as coisas. Sob os mesmos efeitos, a própria vida de cada um, com seus raios, ventos, pressões e calores. Nada se satisfaz com os momentos e com a permanente identidade. Em cada ser avolumam-se os mesmos propósitos de ser mais. E até aquela árvore morta que se dobra em sua lenha se transforma em elemento de vida para a semente. Ela não aceita que se percam sua imortalidade e a intenção de ser mais. Dessa maneira prova-se que há o anjo da constante modificação, o qual não se contenta com as mesmas coisas, fazendo andar a vida em rumos diferentes. Mas, em tudo preside um afável parentesco e a solidariedade. E fala o geneticista: até a pimentinha silvestre tem 70% de código humano. Pouca diferença em muita reforma.



A distração de Marcelo

Dou testemunho de uma luta titânica de diabos e anjos nas estradas do Brasil, mais perigosas que mares nunca dantes navegados. A comprovação indubitável vem de Marcelo de Jesus, um rapaz generoso no discurso jurídico; paciente no trabalho manual, à gosto legítimo da herança lusitana. Vinha ele, sua esposa e mais duas crianças, confiantes na viagem. No volante, ele, o navegador. A viagem vinha segura. Mas nunca se sabe qual é o tamanho desses seres imaginários carregados de maldade e menos se sabe de suas intenções. Marcelo, ainda movido por poderosos sentimentos navegadores, a julgar-se pela intrepidez de seus patrícios descobridores, via um mar tranquilo, não uma estrada brasileira. E nessas horas de distração é que os diabos amam tomar a mente humana. Uma mosquinha pôs-se a voejar pela escotilha em frente. Possuído por ela julgou-se um varão assinalado em busca de vencer a fera voadora. Eis que dá de frente a um promontório ambulante, enorme caminhão. Marujo de antigas navegações, moveu a embarcação para maior segurança, mas a caixa de instrumentos de segurança do promontório avolumou-se. Acordou o navegador e viu todos os anjos protetores, os quais permitiram que os diabos da distração levassem apenas a porta do veículo que era um carro brasileiro numa estrada brasileira. Soube, então, Marcelo de sua angelical proteção para alegria de todos aqueles que o tem em grande estima, pois que apenas acertara a caixa externa do caminhão. Bem que os diabos estavam atentos para que acertasse a caixa de câmbio. Nada aconteceu às crianças, provando-se que os anjos da guarda, se não sabem ainda cuidar muito bem de carros, sabem cuidar de crianças e de sonhadores. Foram dias gloriosos aqueles que se sucederam, pois que o rapaz mediu os minutos como dádiva e mais uma vez se cer-



tificou da existência de anjos e demônios que lutam titanicamente nas estradas brasileiras.



Os canários de Saramago

Quando, outrora, vinha alguém possuído de grande percepção ou bondade, tais virtudes eram creditadas a Deus ou a seus servidores. Se não se tem por verdade tais compreensões, pode-se perguntar sobre extraordinárias sensações de mulheres. Mais que compreender, elas sofrem os acontecimentos. Isso parece acontecer também com os animais e com certos homens, quando muito sensíveis. Sabe-se que, muito antes de os sismógrafos anteciparem um vulcão, os animais põem-se a correr desesperadamente, tanto os pequenos como os grandes. Existem, portanto, animações muito sutis que se penetram nos seres vivos. Isso também é dito em Saramago na Bagagem do viajante, ao narrar a má vontade de dois canários em suas relações consigo. É bom que se diga que ele mal dava alguns minutos aos pequenos cantadores e, por reciprocidade, eles não gostavam dele. Bem como ele diz: não me respeitam, nem me estimam. O mais novo estima ainda menos, assim como são arredios os mais jovens em relação com os mais velhos. Se Saramago aproximasse o dedo da gaiola, o animalzinho disparava uma bicada única e violenta e depois se afastava para o ponto mais distante da gaiola. Ele observava que, ao contrário, uma velha senhora dedicava tempo e oferecia alimento aos seus canários que lhe eram gentis. Depois ela ficava quieta em contemplação, como que traduzindo, em seu comportamento sereno, o respeito e admiração pelos pequenos cantores. Os canários traduziam, sem reboços, a arte de lidar com os outros de acordo com uma espécie de primitivo e sábio instinto. Se fossem os tempos de antanho seria dito que pequenos anjos e pequenos demônios possuíam os canários.



O anjo do bem-estar e o diabo do mal-estar

Por vezes, acontece ao homem e à mulher, ou a ambos, andarem pela vida como que inebriados. São rápidas essas brisas, como se farfalhassem asas de anjos sobre as cabeças e sobre as chaminés das casas. Até as pedras tornam-se menos duras e seus musgos, mais verdes. As vozes dos pássaros ficam enternecidas e, nesse instante, ninguém duvida de Deus. Assemelham-se àqueles que brincavam na mata e tiveram de Sancho o sacrifício de três mil açoites em sua rotunda bunda. Tudo era feito para retirar o encantamento que recaía sobre Dulcinéia. E maravilhados estavam todos pelo fato do gorducho ter aceito o sacrifício. E Merlin falou-lhe alto e agradecido: Crede-me que vos fará de bom proveito, tanto para a alma como para o corpo. Para a alma, pela caridade com que fareis; para o corpo, porque sei que sois de compleição sanguínea e não vos poderá fazer dano tirar-vos um pouco de sangue. E é quase sempre assim, uma grande alegria quase sempre é fruto de um generoso sacrifício. Para comprovar a satisfação de todos pelo sofrimento das nádegas de Sancho: as florzinhas do campo abriam e erguiam as corolas, e os líquidos cristais dos arroios, murmurando por entre brancos e pardos seixos, iam pagar tributo aos rios que os esperavam. A terra festiva, o céu claro, o ar límpido, a luz serena, cada um por si e todos davam manifestos sinais de que o dia, que vinha nas pegadas da aurora, havia de ser luminoso e tranqüilo. Prova-se em Cervantes que as brincadeiras podem constituir grande verdade para a felicidade dos homens e das mulheres. Mas Sancho, por sentir-se fiador de tão grande liberdade, entendeu que tamanho sacrifício poderia ser aliviado; que, em vez de surra de lhe tirar o sangue, desse somente palmadas em si mesmo, o que foi corrigido pela duquesa, que falou: lembre-se, Sancho, de que as obras de caridade tibia e frouxamente

feitas não têm mérito e nada valem. E se comprova, também, que a bunda dos pobres é quem paga as alegrias dos nobres. Aqui, nesse regime capitalista, quem paga aos políticos ladrões também são aqueles que labutam tentando salvar uma pátria governada sem virtude. Comecei com anjos do bem-estar e termino com os diabos do mal-estar.



Os anjos na velhice

Encanta-me a poesia hebraica de pôr na vontade divina a organização dos eventos naturais. Volta e meia, Deus serve-se dos anjos para melhorar as coisas na terra, fazendo uma pequena exceção nas ordens da natureza. Não se torna difícil imaginar o Senhor cansado de governar as estrelas e essa difícil raça humana, delegando para esses seres precisos algumas ordens na trajetória dos acontecimentos. Assim aconteceu com Zacarias e Isabel, aquele velho e, possivelmente, já sem tanto vigor viril, e ela com a esterilidade confirmada. Lá se foi um anjo do Senhor a anunciar-lhes quando já era meio-dia: nascer-vos-á um menino. Riram ambos, pois tinham uma razoável compreensão de como se processavam as leis da natureza. Também o anjo não sabia ao certo como isso poderia se suceder. Acredito que, além do que está escrito, tenha-lhes dito: tentem!!! E como o anjo não gostou da gozação, falou: e tu, Zacarias, ficarás mudo. Como o anjo não estava para brincadeira, ficou sem fala até o dia do nascimento. Nos dias seguintes, acatando a ordem angelical, por não mais achar que fosse brincadeira do Senhor, tornaram-se um casal renovado e mais feliz, porque tudo se cumpria de acordo com os tempos da juventude, e poderiam ver a face de si mesmos no retrato de uma criança. Nasceu João Batista e, pelo que se sabe, não tinha papas na língua e enfrentava até o rei. Valeram as noites de prazer e as dores de parto do robusto menino. Continua difícil, como naquele tempo, haver um homem corajoso. Mas o propósito é provar, pelos anunciadores de Deus, uma velhice mais feliz. Comprova-se que a cultura fará mais longa a biologia: a biografia humana alargará os horizontes das células. O que os séculos engendraram no interior das mitocôndrias e dos ácidos será aperfeiçoado no engenho dos novos dias. As velhas darão à luz e os

velhos elevarão seus mastros e bandeiras com a maior satisfação. Ambos entoarão nas naves das igrejas o mesmo canto de Zacarias: graças à ternura e misericórdia de nosso Deus há de se iluminar e endurecer os que jazem nas trevas e na sombra da morte.



Quando os demônios inspiram

Como exemplo de inspirações demoníacas temos o que sucedeu a Sancho e a Quixote. Ambos acastelaram-se em castelo castelhano e descansavam como fidalgos, rindo por estarem tão bem. Mas o diabo sempre espreita e, mais que um leão que ruga, anda ao redor, avaliando o melhor momento para causar a tentação e tornar os homens e as mulheres piores do que, porventura, sejam. Ambos os heróis descansavam. Nisso se constitui um perigo, pois todos foram feitos para andar, e, no momento, em que assentam o traseiro em qualquer toco, já aparece o diabinho. O duque, por grande burla, fez aparecer mulheres que ficaram embarbecidas. As suas caras estavam mais para um monte de lã do que para a gentileza de um rosto. E os dois se perguntavam: que outros pelos crescem ocultando as partes pudicas? Embora feias, não mais seriam necessárias roupas para escondê-las. É isso uma tentação: crer que tal absurdo é possível e que, uma vez montados num cavalo de pau, pudessem, indo pelos ares, encontrar a quem fizera a maldade às mulheres barbudas. E ainda mais, crentes e tentados de seus poderes, poderiam vencer o mal-feitor, retirando o feio encantamento. Os diabos, dessa maneira, insuflam fantasmas no espírito e, a seguir, engendram artifícios fantásticos como caminho da libertação. Os vivos, embora não andem pelos ares num cavalo de pau, vão-se por aí em benzeduras e movimentos para ver se controlam os males feitos. Vê-se muitas distorções que se ajuntam no decurso dos séculos: inventam uma fisiologia de idéias pela qual se guiam como se fossem verdadeiros cavalos. Não somente Sancho e Quixote montam, mas populações e populações de jovens alternam-se em experimentar, cada qual em cada tempo, seus cavalos, e lá se vão pelos ares, julgando que na frente de suas ideias encontra-se a direção do mundo. É

tentador montar num cavalinho e encontrar nos ares a salvação de nossos pecados. Bem mais fácil, entretanto, é tirar a barba daquelas mulheres do que retirar nossos pecados, e vamo-nos pelos ares, montados em cavalinhos.



O anjo da pobreza de espírito

Se tiveres alguma coisa, tenha-a como se não a tivesses. Bem, tal disposição pode ser invocada como pobreza de espírito, e somente alguém, iluminado por anjos celestes poderá cumprir ao pé da letra essa sentença. Quem quase conseguiu isso foi Sancho, uma vez que tinha apenas seu ruço como propriedade inseparável. E quando o conduziram a tomar posse de sua ilha para ser governador, montado num cavalo forte e bem ajaezado, sentiu-se orgulhoso, pois fazia séquito seu asno tão bem aparelhado e coberto de capa de cetim que se sentiu maravilhado, mais que se o estivesse acompanhando o imperador da Alemanha. Mostrava-se um tanto desligado de sua Teresa e de sua filha Sanchita, que foram esquecidas e continuavam em sua aldeia, comendo nabos e batatas e vestidas com uma simplicidade de monjas. Seguiam-lhe, entretanto, muitas outras virtudes. Não lhe faltava a prudência, coisa que tivera de sobra, pois não fora fácil acompanhar um louco e ainda estar vivo. Não lhe faltava a inteligência, uma vez que se havia defrontado tantas vezes com situações severas: embora saindo arranhado, conseguia distinguir o certo do errado. Essa atitude foi comprovada durante seu rápido governo. A pobreza de espírito, portanto, pode significar, também, a presença de um anjo que afasta todos os preceitos e preconceitos estabelecidos, deixando que a totalidade do momento possa se apresentar tal qual se configura em sua ampla realidade. A conversa das coisas sobre as pessoas possui igualmente sua sabedoria e pode revelar suas evidências, mais que nosso bedelho precipitado. Aprende-se essa lição com Sancho, que estava orgulhoso de seu asno, mesmo que ninguém o percebesse como importante. Distinguiu Sancho seu ruço entre tantos sinais de glória. Na verdade, era apenas ao asno que possuía em definitivo, ficando provado que a felicidade é

isto: ter constantes ações em torno de virtudes, como a fidelidade de Sancho para com seu burro. Praticava uma amizade constante para com ele, a ponto de ambos entenderem-se perfeitamente. Buscavam as mesmas coisas, e em tudo que faziam presidia o bem. Nisso revela-se a virtude da amizade, o que pode ser verificado também em Cícero. Por outro lado, faz parte da virtude da sabedoria agir tendo atenção sobre os movimentos das circunstâncias. Isso foi provado suficientemente na administração de seu governo. Fica acertado, por tudo que foi dito: somente um anjo pode conceder a pobreza de espírito, uma vez que é grande a tentação do diabo, que quer que sejamos apenas fiéis a nós mesmos.





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

outrora e pelos tempos atuais, reunindo temporalidades que se irmanam pelas semelhanças de homens e mulheres e suas fantásticas realidades.

Fantasia e verdades, embora que não absolutas, andam de mãos dadas. Histórias são narradas de forma simples, podendo conspirar com o leitor e inspirá-lo para que se afirme em suas idiossincrasias que, por sua vez, revelarão sua identidade mais apurada. Talvez que o leitor passe a acreditar que a fantasia seja uma realidade que se oferece quanto se impõe à ciência. A obra revela angústias e alegrias e, mesmo na morte, brinca-se, embora se tenha lágrimas nos olhos.

A leitura de *Excessos das almas e das coisas* é um convite à reflexão, embora nada do que se diz tenha a intenção de subtrair a crença e a razão de quem quer que seja. Ao contrário, pretende reunir gente que pensa, sente e age de forma solidária, admirando-se dos extremos que habitam as pessoas e as coisas.

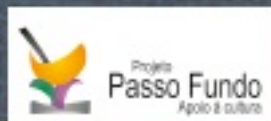
“**N**esta obra, Agostinho Both traduz as ambigüidades humanas, seus conflitos, seus dilemas e paradoxos. Ao ler esse livro lembramos de um provérbio índio em que um ancião descreve seus conflitos internos da seguinte maneira: ‘- Dentro de mim há dois cachorros. Um deles é cruel e mau. O outro é muito bom, e eles estão sempre brigando. Quando lhe perguntaram qual cachorro ganhava a briga, o velho parou, refletiu e respondeu: - Aquele que eu alimento mais frequentemente.’ Assim, o leitor aqui é levado a concluir que a luta entre o bem e o mal, não importando o tempo histórico, se repete dentro de cada um de nós. Da mesma forma, constata-se que esta obra nos faz parar, nos faz pensar que não existe nada de completamente errado no mundo, pois mesmo um relógio parado, consegue estar certo duas vezes por dia”.

Prof. Dr. Mauro Gaglietti

Coordenador da EDITORA IMED

**EXCESSOS
DAS ALMAS
E DAS COISAS**

COLEÇÃO
SONHOS E RESISTÊNCIA



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

